Ano II — nº 22
Natal, Dezembro /1989

Distribuição Gratuita

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia. Editora do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

Uma Gente Sem Arte não Arde: Cinza-se 03
Nove Aforismos para Nova Década ..... 04 e 05
Arte Dada. A quem? ..... 06 e 07
Loas à Loba 08
Com o Pensamento em Virginia Woolf 09
Precisão de Liberdade ..... 10 e 11
Inquisição no RN ..... 12 a 14
Chuva Oblíqua 15
Íngua ..... 16 e 17
Natal, Amante ..... 18 e 19
A Renascença de Jorge Cooper 20
Poemas de Jorge Cooper 21
O Pós-Moderno by Luciano Zajdnajder ..... 22 e 23
Quem é Santiago Naud? 24
Poemas Inéditos de Santiago Naud 25
"Pedimos à arte o segredo da mudança" 26
Caderno do Vento 27
As Descobertas de Maartes Schimidt 28
Cartas 29
O Galo Conta ..... 30 e 31

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador
Geraldo Melo

Presidente da Fundação José Augusto
Woden Madruga

Diretor Presidente da Cia. Editora do RN
Walter Medeiros

JORNAL O GALO

Editora
Marize Castro

Redator
Anchieta Fernandes

Assessoria especial
J. Medeiros

Diagramação e Programação Visual
Gilberto Alves dos Santos

Revisão
Brígida Mafra de Macêdo

Arte Final e Montagem
Socorro Soares

EDITORIAL

Entre o colete vermelho
dos românticos e
a blusa amarela
dos futuristas.

Capa: **Zaíra Caldas**.
Artista plástico natalense.

Redação: Rua Jundiaí, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2936. **A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O Galo também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.**

UMA GENTE SEM ARTE NÃO ARDE: CINZA-SE

Nivaldete Xavier

O mundo vem, crescentemente, efetivando-se em bases que, se pretendendo lógicas, muitas vezes só produzem o que chamaríamos de **loucura dos atos racionais.** Loucura — porque quando apenas se pensa, não se pensa humanamente. Loucura — porque quando se menospreza a sensibilidade, todas as misérias se tornam mais possíveis, mais realizáveis.

É quando o homem se desassemelha de si próprio: forma humana sem conteúdo igual.

Mas há os que sabem que o "lógico" — se vence, não convence a insaciedade que nos marca. São os que sentem que um traço esfumaçado, uma música, um poema, uma escultura podem conter grandezas para além de um cálculo, um quilômetro, uma teoria.

Por isso existe a arte. E a arte se erige como semântica de recusa de uma vida que mais e mais tende a se desfacear, a se tornar estranha a ela mesma. É brilho sobre a opacidade dos atos habituais, pólen nascendo flores em canteiros de aço e plástico. A arte é eterna insistência, é o sem-nome em meio a um mundo terrivelmente siglado, terrivelmente nomeado.

A arte é o que, **providencialmente,** desastra a razão, a nossa razão endurecida no aprendizado do igual ao igual, nos rituais de caquética mesmice que se nos impõem.

Ela absorve a nossa náusea, reelabora-a como argumento de resistência, de manutenção existencial. É elemento reunidor da nossa humana deserção.

Mas a arte não é nenhuma estrela embriagada que cai do céu por descuido (do Criador): é também trabalho — geralmente, trabalho feito após o "trabalho", hora-extra compensada quase somente pela paixão de fazer. E é refazimento incessante, fala (re)definidora, batendo contra a vociferação inócua do mundo. É a outra ciência (pois também por ela não ficamos **cientes** da vida?).

A arte sinalizou e continua sinalizando a existência humana, desde os ontens do tempo até agora, aqui e em todos os chãos. Tanto importa a arte que a História, por não tomar antialérgicos eficazes, acaba por absorver e absolver até os artistas "malditos": os que dessacralizam os mitos, os dogmas, as "verdades" gerais, os costumes, até a própria arte. Exemplo medieval: os poetas goliardos (as **Carmina Burana,** séc. XII) — tabernosos, cruelmente críticos e sensuais e a cujos escárnios não escapava nem o campesinato da época.

Arte, pois. Mesmo que às vezes as vozes do mundo pareçam uma lambada tocada por cofres de moedas sobre pratos da fome.

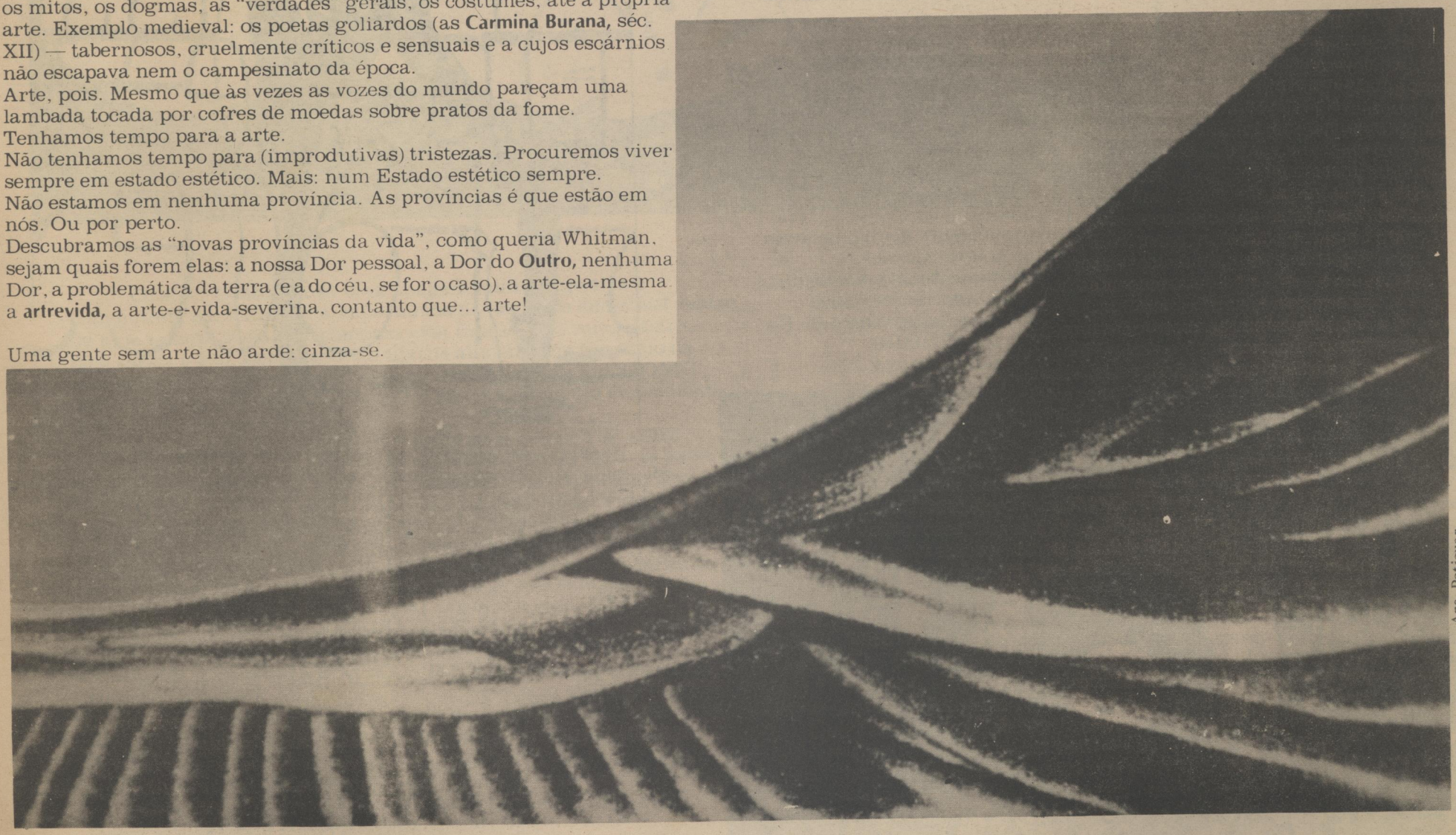
Tenhamos tempo para a arte.

Não tenhamos tempo para (improdutivas) tristezas. Procuremos viver sempre em estado estético. Mais: num Estado estético sempre.

Não estamos em nenhuma província. As províncias é que estão em nós. Ou por perto.

Descubramos as "novas províncias da vida", como queria Whitman, sejam quais forem elas: a nossa Dor pessoal, a Dor do **Outro,** nenhuma Dor, a problemática da terra (e a do céu, se for o caso), a arte-ela-mesma a **artrevida,** a arte-e-vida-severina, contanto que... arte!

Uma gente sem arte não arde: cinza-se.



Ana Potiguar

Nivaldete Xavier (RN) é poeta, autora do livro **Sertânias.** Professora do Departamento de Artes da UFRN.

NOVE aforismos para NOVA década

Jomard Muniz de Britto

Aforismos são e não são máximas, sentenças, citações, apropriações, degustações, pensamentos condensados, pílulas filosofantes, drágeas poéticas, drogas minimalistas, **descolagem** de erudição. Cultura de calendário e caleidoscópio. Alegorias de ALMANAQUE. Graffitis prolixos. Pop-filosofia para tempos pós-modernos. Aforismos são brinquedos: da maior seriedade, importância e prazer para os que brincam. Também podem ser simples e penetrantes aliterações ou clarividências para temporadas de suspense, TERRIR, outros SERMÕES e suspeições. Aforismos: em caixa alta ou buraco negro? Aforismos são os olhos embaçados de deus, íris do mar, NA TAL cidade clara de Marize Castro e J. Medeiros, Volonté e Nei Leandro, Anchieta Nabokov e Paulo de Tarso. O mundo afora, aforístico. Senão, leiamos:

UM: "O tempo é uma criança que brinca, movendo as pedras do jogo para lá e para cá: governo de criança". (HERÁCLITO de ÉFESO; **Os Filósofos Pré-Socráticos**, Gerd BORNHEIM (org.); Ed. Cultrix).

Brinquedo em branco-e-preto ou fantasia tecnicolorida? A lua luta por LULA ou o sol se sofistica por Collor? A terra **promente** por Collor ou se compromete com Lula? No xadrez de estrelas tão galáxias da política brasileira, qual o tempo-espaço do socialismo com liberdade?

DOIS: "Uma disciplina como a psicanalise constitui-se, ..., em torno da hipótese de que pormenores aparentemente negligenciáveis pudessem revelar fenômenos profundos de notável alcance. A decadência do pensamento sistemático veio acompanhada pelo destino do pensamento aforismático — de Nietzsche a Adorno". (CARLO GINZBURG: MITOS EMBLEMAS SINAIS — Morfologia e História: Ed. Companhia das Letras).

Jean Monod

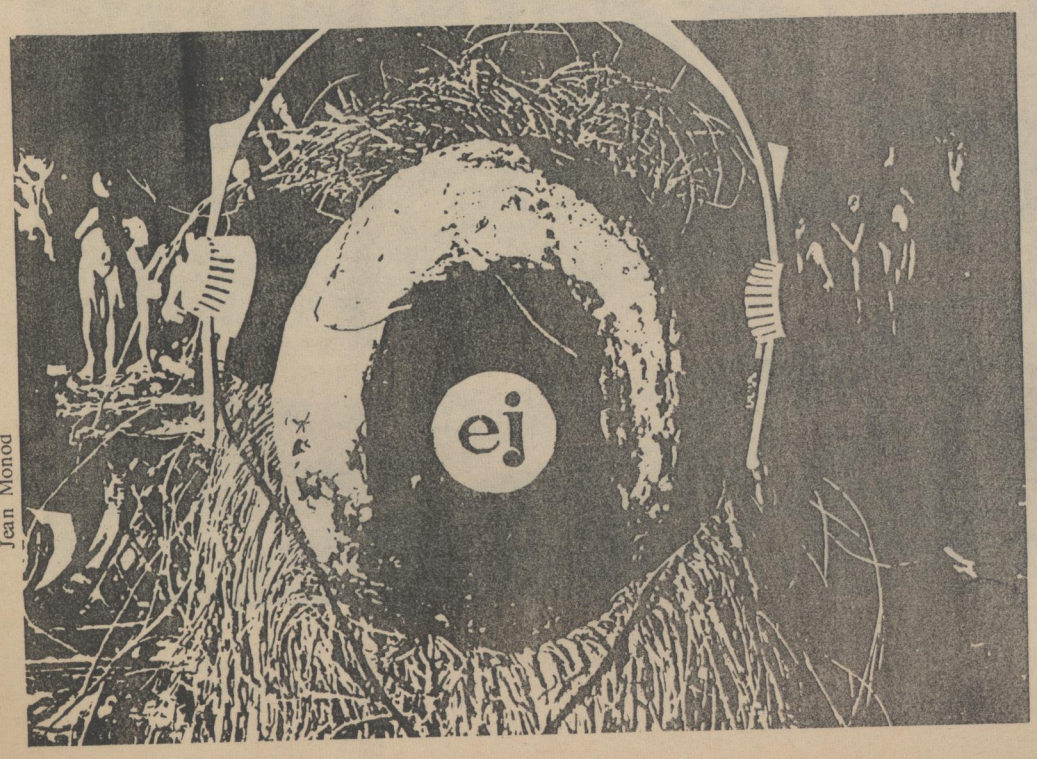
As ondas azuis de Gil, o trem das cores de todas as PSI (psicologia, psiquiatria, psicanálise) continuarão jogando através da língua dos três Pppés: Poesia, Politica e Pedagogia. O ato criador, a reinvenção dos poderes e todas as mediações crítico-educativas. Mitos da fraternidade. Emblemas da liberdade. Sinais precários da igualdade. Quando o ideário da Revolução Francesa aportará entre nós, com novos gestos discursivos dentro de uma **práxis** libertadora?

TRÊS: "Em realidade, porém, nada sabemos, pois no abismo está a verdade." (DEMÓCRITO de ABDERA, apud G. Bornheim).

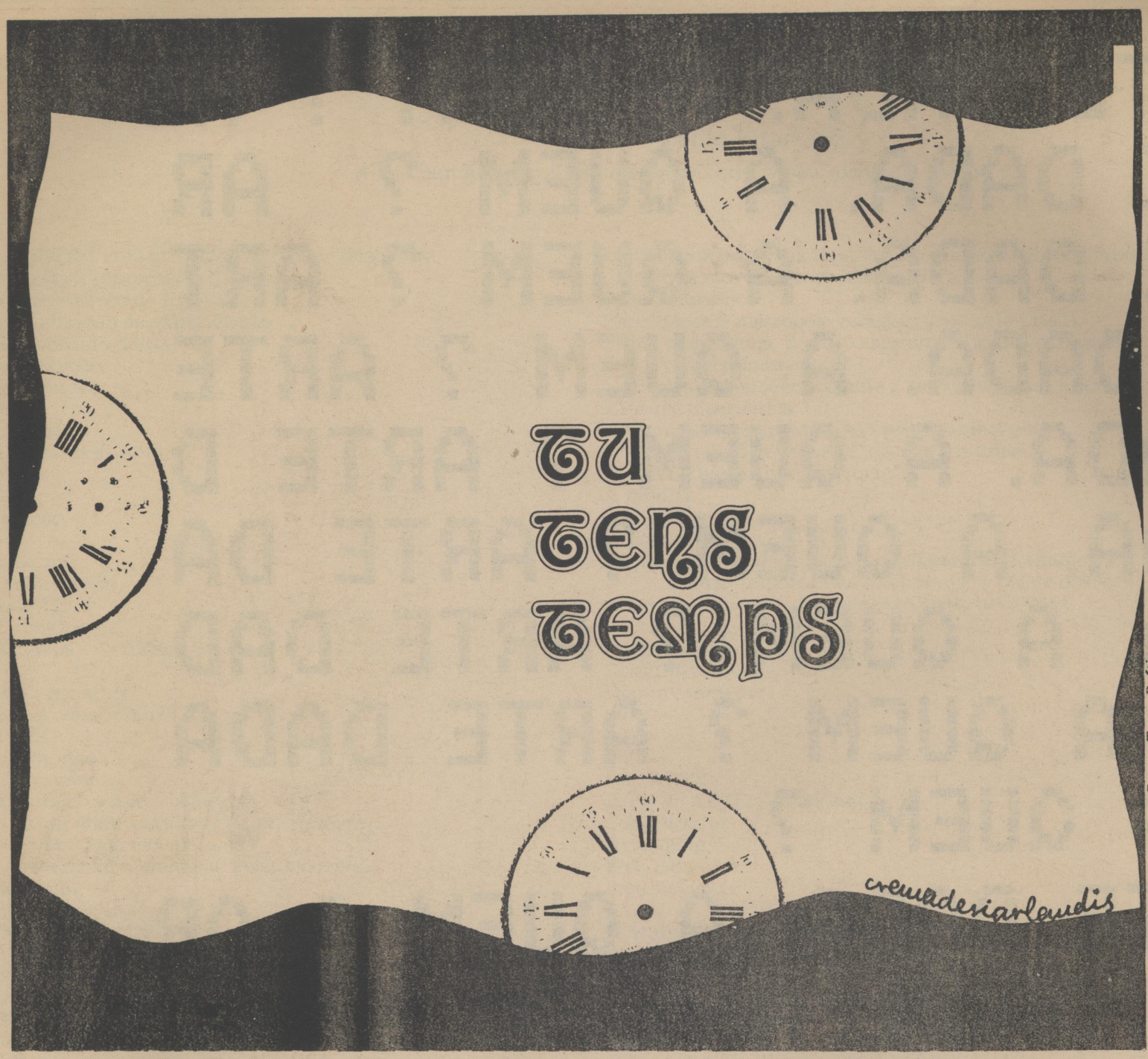
Recife, Abril de 1990, na Galeria Metropolitana de Arte Aloísio Magalhães: TEMPOS E ESPAÇOS DOS ABISMOS 3. Horizonte de possibilidade para criações intersemióticas. Além das colagens tropicalistas e do memorialismo **anarconarcisista.**

QUATRO: "O amor ama o segredo. Ama o murmúrio. Ama o chiclete. Aliás, o que é que o amor tem que ama tanto?" (SÖREN SELMA TUAREG KIERKEGAARD, **Diário de um Sedutor** relido em A ARTE DE MANTER OS CABELOS EM PÉ).

Há sempre um novo paradoxo, um K hiperbólico, uma tv múltipla, um banheiro, um vídeo supercriativo, um sotaque nordestino-afrancesado, duas cadeiras de balanço, a maestria de um Fernando Teixeira, um Beckett no meio do caminho ou na contradicção da **idade mídia.** Até quando, ó albardes de Laurie Anderson?



Jean Monod



CINCO: "Gramsci usa uma imagem muito sugestiva e convincente para afirmar a importância da **função do intelectual** dentrc de uma relação social: ele compara esta função à do 'suco gástrico', cuja tarefa é a de assimilar todo tipo de alimento em benefício da totalidade do corpo, em benefício, em suma, da vida." (ANTÔNIO TAVARES DE JESUS; EDUCAÇÃO E HEGEMONIA No Pensamento de Antônio Gramsci; Cortez Ed.)

Até quando os intelectuais meridionais brasileiros, entre benesses e malefícios, ocultarão as afinidades (super)eletivas entre A. Gramsci e Oswald de Andrade, entre B. Croce e Benedito Nunes?

SEIS: ..."uma vez feita a ruptura epistemológica, o ato epistemologicamente mais importante é a ruptura com a ruptura epistemológica. Isto significa que, do meu ponto de vista, deixou de ter sentido criar um conhecimento novo e autônomo em confronto com o senso comum (primeira ruptura) se esse conhecimento não se destinar a transformar o senso comum e a transformar-se nele (segunda ruptura)." (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS; Introdução a uma CIÊNCIA PÓS-MODERNA; Ed. Graal).

Pela terceira ruptura da década **metadecadentista,** a massa ainda comerá o biscoito fino que O GALO fabrica, Pedro Jorge de Andrade melhor entenderá Matinas Suzuki do Japão, o senso comum se ultrapassará em espírito divergente, e o ETC do ESTRANGEIRO alcançará os dez anos do projeto musical ASAS DA AMÉRICA de Carlos Fernando. Até sempre. Ex-clamação.

SETE: "A arte é tudo aquilo a que os homens chamam arte." DINO FORMAGGIO; ARTE; Editorial Presença.)

É o amor que faz o nome ou o inominado? A ciência é tudo aquilo a que os homens também chamam ciência? E a política? Quando terminará o mais confortável complexo de facilidade em relação às coisas artísticas? Como ainda superar o círculo vicioso das interpretações puramente verbalistas?

OITO: "Típico do círculo hermenêutico é que para entender um texto, e para explicar as suas partes isoladas, eu devo predispor uma hipótese sobre o todo; esta hipótese precede o meu encontro com o texto, e funda a própria revelação dos dados textuais, e todavia só pode ser confirmada pelo texto e por cada uma de suas partes isoladas. O intérprete parte de uma **pré-compreensão,** ligada à estrutura da existência, ao modo do seu ser no mundo." (UMBERTO ECO; SOBRE OS ESPELHOS E Outros Ensaios; Nova Fronteira).

Reviveremos a década da hermenêutica? A dialética do concreto entre as partes e o todo, os indivíduos e a coletividade, a luta de classes e a luta dos corpos, as línguas e a linguagem, os preconceitos e as noções flutuantes, as práxis diferenciadas e a práxis totalizante, os desejos e o prazer do texto. ARTEVIDA. Assim como no amor...

NOVE: "Multiplicar o meu amor, eu disse. De repente parecia-me natural e inevitável que amor só pudesse gerar mais amor, e que em nada te defraudaria, abrindo a um outro Ele todo um espaço no meu coração"... (LUZILÁ GONÇALVES FERREIRA; MUITO ALÉM DO CORPO; Ed. Scipione.)

Se o amor é cego, como canta o hiperrealismo minimalista do poetinha, será a paixão pela cidade clara bem mais clarividente? 9 vezes 90.

Jomard Muniz de Britto (PE) é escritor, arte-educador, poeta, cineasta, professor das Universidades Federais da Paraíba e Pernambuco.

ARTE DADA. A QUEM ? AR
TE DADA. A QUEM ? AR
TE DADA. A QUEM ? ART
E DADA. A QUEM ? ARTE
DADA. A QUEM ? ARTE D
ADA. A QUEM ? ARTE DA
DA. A QUEM ? ARTE DAD
A. A QUEM ? ARTE DADA
. A QUEM ?

ARTE DADA. A QUEM ? AR
TE DADA. A QUEM ? AR
TE DADA. A QUEM ? ART
E DADA. A QUEM ? ARTE
DADA. A QUEM ? ARTE D
ADA. A QUEM ? ARTE DA
DA. A QUEM ? ARTE DAD
A. A QUEM ? ARTE DADA
. A QUEM ?

Ensaio elaborado a partir do texto "A Definição Disjuntiva da ARTE" por Wladislav TARTAKIEWICZ apresentado em forma de apostila por Roberto FI-Gurelli no curso de Fundamentos Filosóficos da Arte em Curitiba/1986.

Por Vicente Vitoriano

A Itamar Azevedo filósofo e amigo que "viveu" dada em plenos 70.

"A ARTE é uma atividade humana consciente
dirigida à reprodução de coisas
ou construção de formas
ou expressão de experiências
se o produto dessa
reprodução
construção
ou
expressão
é capaz de suscitar
prazer
ou
emoção
ou
choque".
Define assim
a ARTE
Tatarkiewicz.
Wladislaw, o filósofo.

Dada constrói?
Bebês constroem?
Tzara:
"nada, nada".
Dada, dada.
Arritmico sobre o balanço
rocking chair cavalo de pau da guerra
o artista dada exaspera-se.
e grita dada! a mercê do Petit Larrouse.
Sim, sim.
Upa, upa!
Dada. Nada. "Dilúvio".
A sombra da eliminação
sugerindo o nada.
Desde o verbo até a carne.
Se
"a confusão é grande e é poética"
institua-se a objetificação do pré-lógico.
Antes-forma/ante-fo( )rma
desestrutura
deconstrução.
Dada constrói (!):
ao inverso:
o pensamento na boca.
Dada escapa ao incesto e, ARTE, refuta a logicização
casando-se de véu e mortalha com o seu não.

"Dada não existe para ninguém".
Nada representa.
Ou materializa sentimentos-automóveis
que atropelam a lógica e
(re)destroem a linguagem?
Sentimentos pedra bala fumaça
sentimentos merda em doutos ventiladores
espalha.
Para ninguém.

Ninguém pára para "ver" dada?
Dada estimula?
Satisfaz?
Move?
Provoca?
Impressiona?
Choca?

Dada choca impressionantes ovos mundos velhos mundos novos
que movem genes insatisfeitos.
Semi-fecundos.
Dada choca a metrópole retaguardada pelo Cristo
(Dada ressoa hoje, dark, o sangue de Cristo paralisando
violões flamencos)
e provoca pós-modernamente a ciência a lógica a poética
a futura cibernética:
dada volatiza num peido seu próprio ciborgue
e decreta a feiúra da ARTE e a sua inutilidade.
"A ARTE não atinge ninguém".
A família
a fé
as certezas
os critérios paradigmáticos pré-feyerabendianamente
não-me-importantes estercam-se e bolem doentes
tudovalentemente soprados pelo vento acre dada.

Dada: ARTE ante ARTE.
Conjuntivamente e e e.
Disjuntivamente
ou
ou
ou.
Não ARTE.
Parte de ARTE e ARTE toda.
Conceitoarte.
Arteobjeto.
E/ou e/ou ou/e
ou/e ou/e e/ou.

O senhor Antipirina:
ácido acetil salicílico efervescente
para remediar com a pureza do caos cósmico
a demente febrilidade do moderno.
Banho morno
cobertor
sobre a debilidade concreta dos senis.

Da obra criativa morta
o nojo.
O luto cobre o despojo.
Carnavalização da palavra/manifesto
aborto de pensamento
pensamento aborto de instinto.

O homem dada radicalmente homem bicho.
Homem rádice.
Embriagado com as últimas gotas do éter verbal
copiosa e velocissimamente derramadas
ante o profetizado primado do fonema puro.
Anom/a/topia.
Grito primal.
Transcromático avião de volta ao futuro abolido.
O homem instinto sorri
sentado sobre o túmulo do
Homem extinto.
Redimido por dada.

Para a redação deste ensaio ainda se leu:
POMAR. Felipe Cassio Del — Nuevo Arte. Teorias de la pintura contemporânea. 2. edição. Editorial América. Mexico. 1939.
TELES. Gilberto Mendonça — Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro. 8. edição. Vozes. Petrópolis. 1985. Coleção Vozes no Mundo Moderno.
As expressões entre aspas são de Tristan Tzara.

Vicente Vitoriano (RN) é poeta e artista plástico. Professor da UFRN.

LOAS À LOBA

Wellington Dantas

A loba, de fartas tetas, em cujo mar de leite remo
: a mesma fonte do desleite que em vão eu dento

todos os peitos, pedras
todas as pedras, plumas
para um cão sem leito

uma perda dura no meio do caminho
no meio do caminho, uma perda dura
e uma estrela-forte em que a água tanto bate e nunca fura

escuro e halo habitam esse nicho,
onde, não menos deusa que bicho,
uma santa revela sob seu manto
os pêlos negros de uma antiga deusa africana
ao levantar da brisa que ali faz a curva
sobre o dorso de uma elefanta

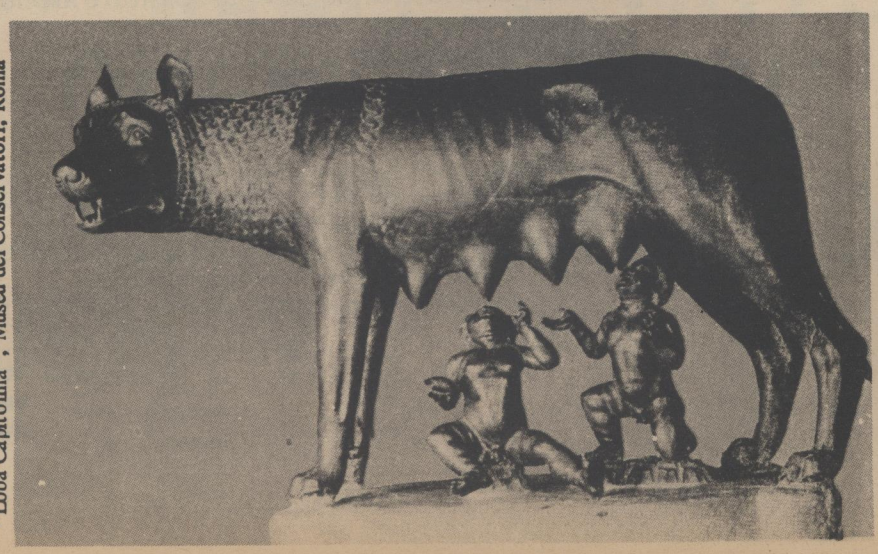
enquanto engrossa a gosma
da lentidão que nos ponteiros se enrosca,
cada vez mais a terra terna e fera
com seus grandes lábios de braba e boba
me devora

escorrem estradas, chove deserto, o vácuo nada
pena minha alma sob os musgos da memória em camadas
mas sua luz a brilhar n'água nunca em mim se apaga

do leite, a nata
(nada de leite que de pedra não se tira).
Como todo buraco não tão dessemelhante
: amaravilha

doce, sal, atlântica dorsal
qualquer lugar em que se nasça é natal
tão diferente quanto igual
no trampolim da vitória, o salto mortal.
Na tal manjedoura:
o perfume do incenso
o cheiro do estrume.

A mesma língua que malfala chupa
e mais não digo porque a Musa topa
em apa, epa, ipa, opa, upa.



"Loba Capitolina", Museu dei Conservatori, Roma

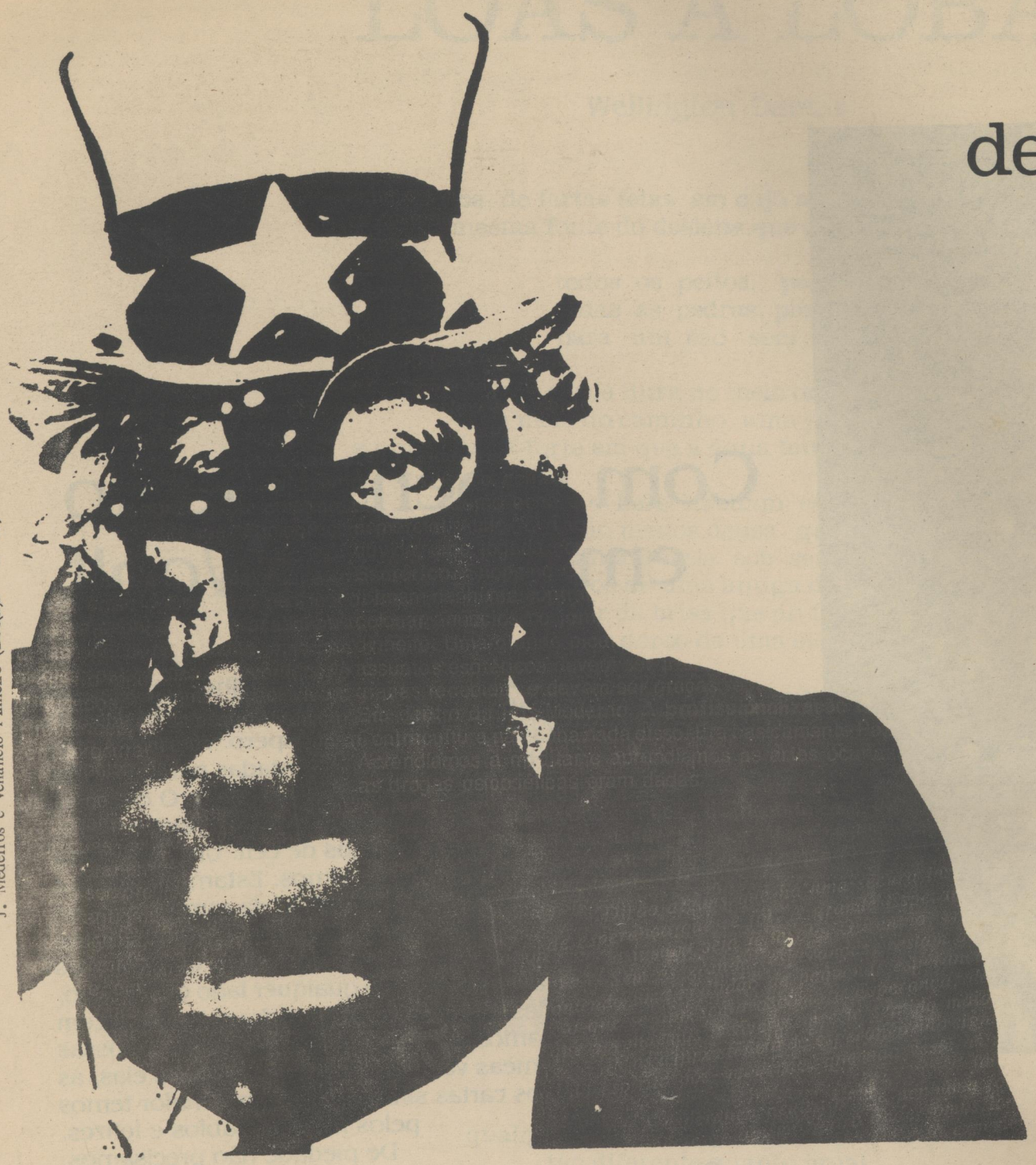
Wellington Dantas (RN) é poeta, artista plástico, pede para registrar seu agradecimento ao **Boca do Inferno** pelos dois últimos versos.

A Primavera. Giuseppe Arcimboldo.

Com o pensamento em Virginia Woolf

Nos dias claros, luminosos e frios mulheres recolhem lembranças. Vão até o fundo de si. Barbatanas se erguem do mar e são vistas com calma e desespero. Homens bons permanecem ocultos. Moças fragmentadas partem e não voltam mais. Uma galáxia inteira de dor flutua. O que será que existe quando nós não estamos aqui? Treva e vento. Azul claro. Azul escuro. Desejos de céu. Uma profunda saudade de alguém que nunca vimos. Estamos rígidas e negamos tudo. Falta-nos o fino sacrifício da pureza. Marcas tênues de compreensão atravessam séculos. Viemos do caos e clamamos sutilezas. Oh, Deusa, que estás em nós, nos leve para a lua, para o Ceilão, para qualquer lado do Pacífico, livre-nos desses remorsos de pedra que nos fazem inacessíveis. Amamos as palavras, a elas doamos nossas vidas. Amamos fêmeas vulneráveis e talentosas, a elas, às vezes, escrevemos cartas sinceras. Fascínio maior temos pelos machos sábios e felizes.
De piedade não precisamos.
Que venha a nós toda a suavidade do mundo. Que este mar calmo permaneça calmo, vigilante, senhor de todas as verdades. Coisas poderosas se levantam e nos erguem acima da morte. Somos pecadoras & todas as ondas nos interessam & todos os sonhos nos são caros.
Tudo o que dói nos transforma.
Uma questão de medo e desejo amar esse pássaro de rasantes sólidos e sérios. Aflitas no meio da tempestade permanecemos.
O destino é o destino.
Granito e arco-íris estão em nós.
Vastas e indistintas somos.
Na superfície nos separamos.
Silenciosa vertigem do nada.

Marize Castro



J. Medeiros e Venâncio Pinheiro (Doc(k)s — nº 19)

Precisão de Liberdade (1)

Reinaldo Arenas (2)
Tradução e notas de
Paulo Octaviano Terra (3)
(A Leo Gilson Ribeiro)

ESCREVER (criar) é um ato de irreverência, tanto no plano ético quanto no estilístico. No sentido acadêmico ou tradicional do termo, um verdadeiro romance nunca é histórico, político ou social (etc.), pois, como tal, deixaria de ser romance, para transformar-se em um depoimento ou em um livro de textos, isto é, em algo maçante. Por outro lado, talvez mais do que qualquer outro autor, o romancista precise de um espaço e de um tempo, tanto materiais quanto espirituais, para poder conceber e realizar uma obra.

Hoje em dia, poucos são os países que podem dar-se o luxo de asilar um romancista. É algo assim como ter um dinossauro em um canil: nem o pobre bicho pode sobreviver ali, nem tampouco o canil pode abrigá-lo. Na América Latina, este imenso canil, geralmente administrado por caudilhos brigões, gângsteres militares e, agora (a última moda), delinqüentes de esquerda, a situação do romancista é singular, isto é, intolerável. Aos olhos das antigas 'administrações nacionais', o romancista era um 'água-morna' ou um bobo útil. Agora, com a triunfante chegada das ditaduras de esquerda, muito melindrosas e inseguras e, portanto, muito atrozes, o romancista, sim, é levado em conta e, justamente por isso, situado no índice a que pertence: **no da periculosidade.**

Deixemo-nos então de tolas ilusões, de gastas esperanças e de ridículas utopias. E digamos a verdade. Pelo menos aos que não cobramos para envenenar os povos, explorando sua ingenuidade ou seus sonhos, resta-nos a sorte de podermos dizer o que sentimos. Os que não pertencemos a partidos nem a seitas, nem a dogmas materialistas ou religiosos, podemos dar-nos o luxo, tomar-nos a liberdade de esfregar nos olhos dos adormecidos, dos autoconvencidos, o corpo dessa escória, chamada **verdade,** que quase ninguém quer olhar de frente. Por isso, onde **essa** (a forma profunda de ver e sentir) puder ser expressada, esse, sem dúvida, é o lugar que, como pátria, um escritor deve escolher. E, no caso, claro, que ainda lhe seja permitido eleger, que é rejeitar... Naturalmente, se o escritor é um patriota assumido, no sentido em que o foram nossos avós libertadores, sua situação é mais clara e comum: ele simplesmente tem de renunciar à literatura e retirar-se. De fato, ainda que ele não passe à História da Literatura, passará à História de seu país... Mas, como não é esse o meu caso, nem o dos que, obstinados, continuamos a escrever romances, o que melhor se pode fazer é procurar o lugar adequado para se trabalhar em paz. E esse há de ser aquele onde a crítica e o antagonismo possam-se manifestar. Por duas razões: uma sociedade que tolerar em seu seio o seu contrário, será sempre a mais desenvolvida, a mais antiga, a mais culta e, sem dúvida alguma, a que mais haverá de sobreviver, permanecer por mais tempo; e, em segundo lugar, que pode fazer um escritor em um lugar onde ele não pode discordar?... Além disso, uma sociedade que não pode suportar a crítica está condenada a perecer. Por isso, os países do bloco comunista jamais poderão competir em igualdade moral e política (e, portanto, econômica) com o ocidente. Apesar dos ocidentais, onde está a grandiosidade do ocidente? A grandiosidade (o desenvolvimento) do ocidente está simplesmente no fato de que ele pode dar-se o luxo de ter dentro de si seus próprios inimigos e tratá-los com a mesma margem de liberdade que é dada a seus aliados mais fiéis.

De fato, apesar de sua dissidência, pelo trato recebido, esses inimigos passam a ser os mais contundentes apologistas do sistema que combatem. O fato de continuarem imunes, livres, vivos, lutando, prova, não sua grandeza, mas a do país ou sociedade que atacam. Quando uma Angela Davis sai dos Estados Unidos para fazer propaganda comunista e, portanto, combater os interesses de seu país e, depois, nele tranqüilamente pode entrar e continuar vivendo como mais um cidadão, ela está fazendo a maior

apologia que se pode aos Estados Unidos. Igualmente, quando alguns cubanos, residentes nos Estados Unidos, viajam a Cuba para aplaudir o que eles chamam de 'lucros' do sistema ali reinante e voltam (pois ninguém fica) a esse país, onde continuam fazendo propaganda a favor da política castrista, na realidade, fazem a maior propaganda é ao governo dos Estados Unidos, às suas leis democráticas, pois estão constatando no terreno prático (não no da demagogia teórica) a segurança e a liberdade que possui esse país que os alimenta e os abriga.

Eu desafio a que me seja citado um caso, um só, de um intelectual de um país socialista que, dentro de seu próprio país, tenha podido combater sua ideologia estatal ou livremente dela discordar, ou que o tenha feito fora e, depois, tenha podido voltar e continuar vivendo naturalmente.

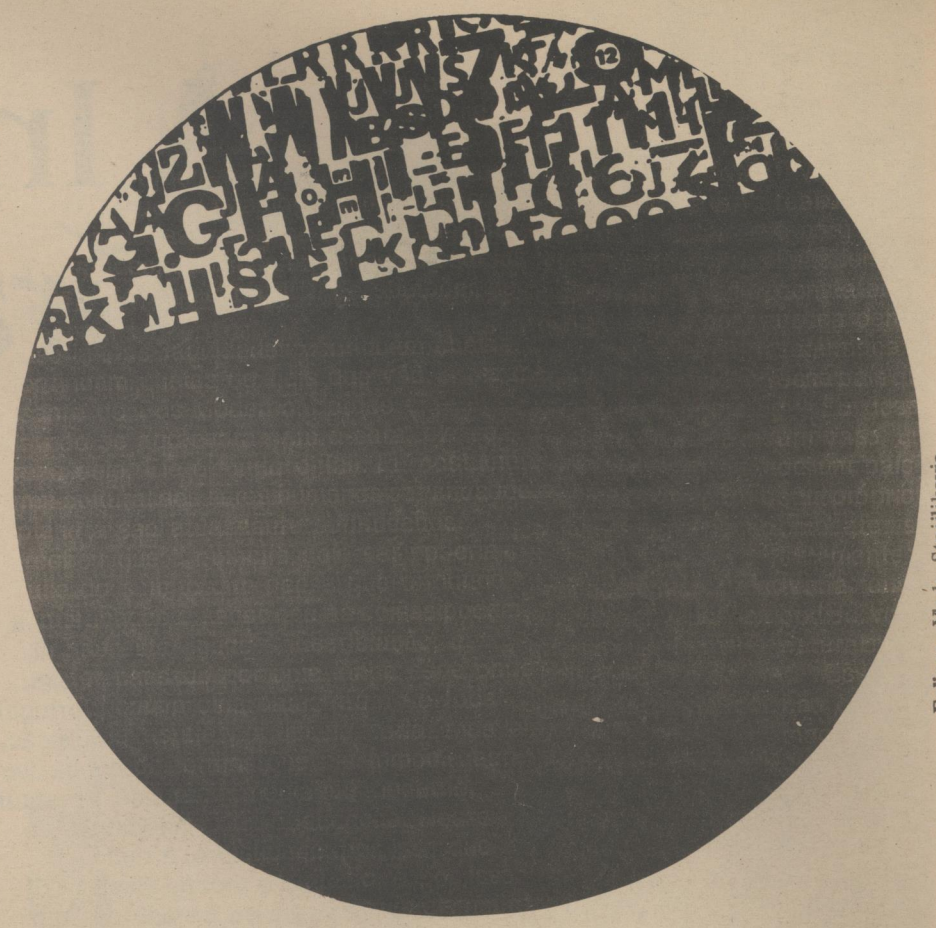
Essa divina possibilidade de dizer **não** onde o 'chefe' diz **sim**; essa magnífica, sagrada possibilidade de questionar, criticar, discordar; essa dúvida cheia de audácia, esse **NÃO**, é e sempre será o que diferencia o homem do rebanho, o ser humano do animal, o indivíduo do escravo. E nesse redondo **não** admitido dentro das democracias, contra a democracia, radica a grandiosidade do ocidente. Sua definição e sua grandeza. Mesmo quando muitos consideramos tal tolerância como uma atitude suicida.

O homem que, nos altares de uma ideologia política, renuncia a esse **não,** está renunciando à sua condição humana e passando ao campo fechado (com muros e guarda-costas) da anônima multidão escravizada e amordaçada que, claro, incessantemente, entre genuflexões e aplausos, tem de gritar **sim.**

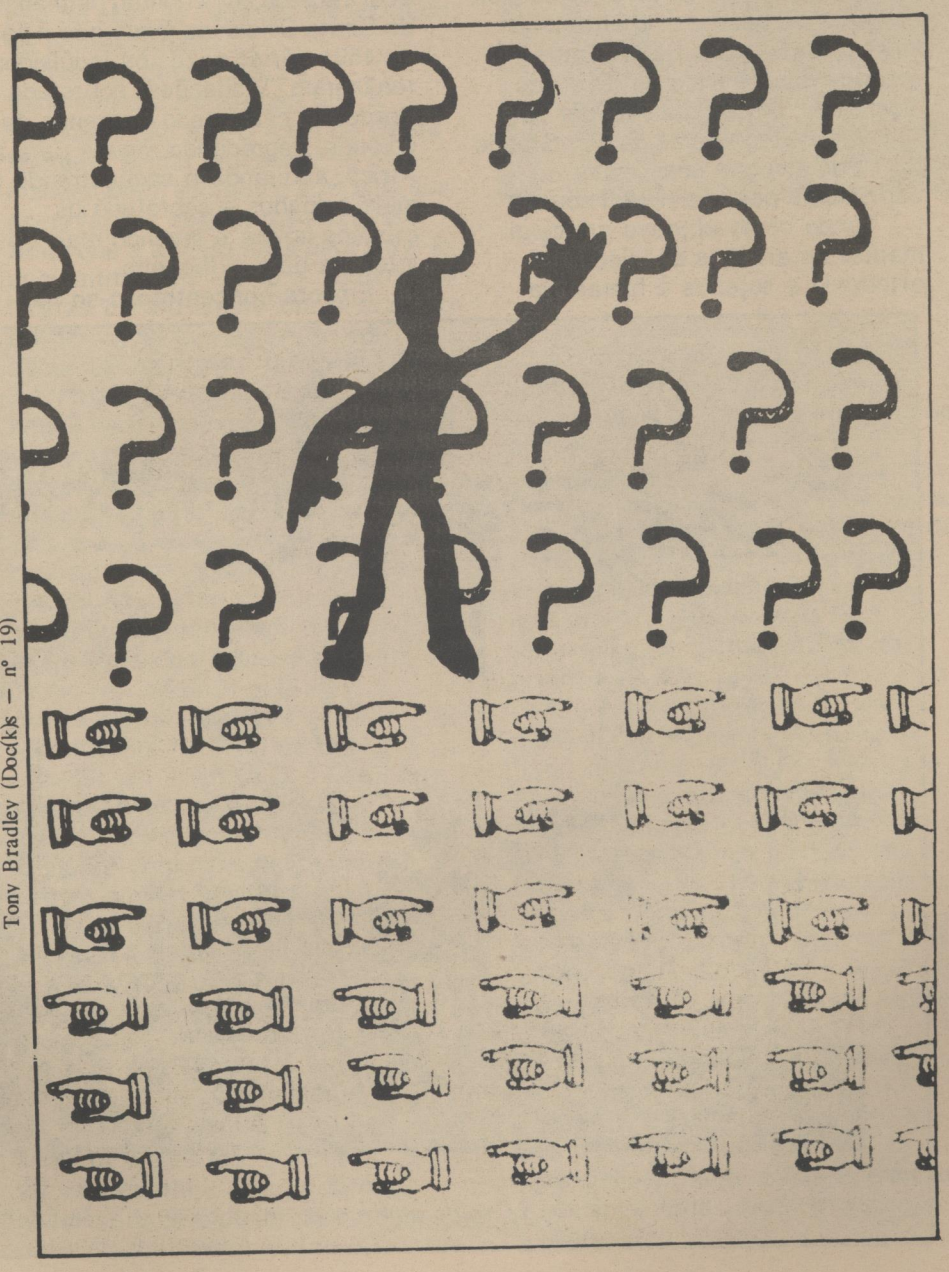
Os intelectuais que, como convidados de honra', visitam as tribunas dos países comunistas, se tivessem a coragem de pensar por si mésmos e a audácia de não servir a outra causa, senão à da razão (como o que se supõe que deva fazer um intelectual), deveriam sentir-se profundamente perturbados e entristecidos, quando ante eles e o chefe supremo, o único chefe, só se ouve um clamoroso **sim,** com seus previstos aplausos... Que ameaça, que terror, algo sinistro, sem dúvida, rosna e reina ali, para que, de maneira tão **monolítica,** tenham desaparecido a audácia da dúvida, a vontade contrária, o espírito crítico, a resistência?... Felizmente, para sustentar essa dúvida, por esse espírito de revisão e curiosidade incessantes, por essa vontade de viver manifestando-se, ainda se enchem prisões ou morre-se cotidianamente, não mais combatendo diretamente o regime totalitário, mas simplesmente pela 'ousadia' de dele fugir... E não é precisamente a Alemanha Ocidental que manteve o Muro-de-Berlim, nem foram os países democráticos que criaram a chamada 'cortina de ferro', nem nunca houve em Cuba, antes do sistema atual, uma rede incessante de guarda-costas, radares e lanchas super-rápidas, em alerta, para detectarem, reduzirem a prisão ou aniquilarem quem quer que seja que tentar abandonar o território. E isso é devido a que se antes aquilo estava bem longe de ser um paraíso, também não era uma prisão. Daí o fato de que o homem que foge de um país deva ser considerado como um refugiado político. Ou será que, por acaso, fugir da repressão, da censura, do campo de concentração, do sim **monolítico,** não é uma opção política?

É uma opção política e algo mais. É uma atitude vital, muito antiga e nobre, a que um ser humano pode aspirar. A atitude que o define como tal: **a precisão de liberdade.**

Nova Iorque, setembro, 1980.



Eclipse. Vlada Stojiljkovic.



Tony Bradley (Dock'ds — nº 19)

Notas

(1) **Precisão de Liberdade:** ARENAS, Reinaldo. V. Seis. — Necesidad de libertad. In: ——. **Necesidad de libertad.** México, Kosmos, 1986, pp. 179-181.

(2) **Reinaldo Arenas** (Cuba: Holguín-Oriente-Gibara — 1943): romancista, contista, poeta, ensaísta, dramaturgo. Entre outros títulos, é autor de **Celestino antes del alba** (1967), **El mundo alucinante** (1969), **El palacio de las blanquísimas mofetas** (1975), **Otra vez el mar** (1982), **Arturo, la estrella más brillante** (1984), **Termina el desfile** (1981), **El central** (1981), **Necesidad de libertad** (1986), **Persecusión** (1986), etc. Sua única obra editada no Brasil é o romance **O mundo alucinante** (Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984), em tradução nossa.

(3) **Paulo Octaviano Terra** (Brasil: Varginha, Minas Gerais — 1953): poeta, ensaísta, crítico literário, tradutor, professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, mestrando em Teoria Literária na UNESP, Campus de Araraquara, onde atualmente reside.

Paulo Octaviano Terra
Varginha (MG), novembro 16, 1989.

A Inquisição no Rio Grande do Norte

Luiz Mott

Poucas décadas após a descoberta do Brasil, exatamente em 1536, fundava-se em Portugal o Tribunal da Inquisição, instituição medonha que durante quase três séculos constituiu o "bicho-papão" dos habitantes do mundo luso-brasileiro, e que recentemente o próprio Papa reconheceu ter-se tratado de "um erro histórico, pois torturou e queimou milhares de pessoas durante um reinado de terror". Documentos inéditos descobertos na Torre do Tombo de Lisboa comprovam que também os moradores do Rio Grande do Norte tiveram suas vidas espionadas pelo Terrível Tribunal.

Tendo como objetivo principal manter os cristãos obedientes à ortodoxia e sujeitos à hierarquia clerical, os Inquisidores perseguiram notadamente duas modalidades de "desvios" — na época chamados de "crimes": contra a fé (heresia, judaísmo, maometanismo, feitiçaria) e contra a moral (bigamia, homossexualidade naquele tempo chamada de sodomia, bestialismo e solicitação). Diferentemente de outros países hispano-americanos, o Brasil teve a felicidade de não ter aqui instalado um Tribunal permanente do Santo Ofício, de modo que a partir de 1591 várias vezes os Inquisidores realizaram "Visitações" sobretudo no Nordeste, castigando centenas de colonos, degredando alguns para a África, açoitando e seqüestrando os mais culpados — sobretudo os cristãos-novos, e levando mais de 50 infelizes para a fogueira.

Embora concentrando-se nas principais Capitanias e povoações mais ricas e populosas, o Santo Ofício possuía centenas de espiões distribuídos pela Colônia afora, e no caso das regiões menos povoadas, era dever de todo cristão, no início da Quaresma, denunciar aos "Comissários" tudo e todos que cometessem aqueles pecados contra a fé e a moral. Quando um padre ou missionário tomava conhecimento destes "crimes", imediatamente enviava a denúncia ao Comissário mais próximo e este despachava uma carta-secreta para Lisboa na primeira caravela que voltasse para a Europa. A rede de espiões cobria toda a Colônia, sendo os padres as pontas de lança deste "Santo Tribunal": os denunciantes bem sucedidos recebiam parte dos bens seqüestrados aos condenados. Ser

Arquivo

Representação de um Auto da Fé.

"dedo-duro" devia tentar muita gente como meio mais fácil de fazer fortuna graças à desgraça alheia.

Não encontramos até agora nenhum funcionário da Inquisição residente no Rio Grande do Norte: se em outras Capitanias menores existiram Comissários ou Familiares do Santo Ofício, certamente uma pesquisa mais prolongada da Torre do Tombo resultará na localização de um ou mais destes "espiões" também em Natal nos meados ou finais do século XVIII.

Revolvendo velhos papéis da Inquisição, conseguimos localizar quatro denúncias envolvendo residentes desta Capitania: são tais documentos que passamos a analisar, oferecendo aos estudiosos da história do Rio Grande do Norte algumas informações inéditas sobre a vida religiosa e moral de seus primeiros moradores. Para ser exato, o mais correto seria dizer: sobre a irreligiosidade e imoralidade dos norte-riograndenses nos primórdios de sua história.

Todos documentos situam-se entre os anos 1750-1765, época em que a capital da Capitania, Natal, contava tão somente com 118 residências, apesar do pomposo nome de "Cidade dos Reis". Duas denúncias referem-se ao "Crime de solicitação" que vem a ser o pecado cometido pelos sacerdotes quando desrespeitam a sacralidade da confissão, aproveitando-se deste sacramento para fazerem "solicitação" imoral às suas penitentes. O termo canônico para este pecado era "solicitatio ad turpia", isto é, solicitação para cometer torpezas. Deslize, aliás, muito comum entre o clero tanto do Reino quanto da Colônia: há na Torre do Tombo milhares de denúncias de sacerdotes comprometidos com tais incontinências, que variavam de simples "palavras amatatórias" convidando os ou as confessantes para atos carnais, chegando, às vezes, à prática destas mesmas imoralidades seja dentro da igreja (no confissionário, sacristia ou detrás dos altares), seja em locais profanos. Tudo vem descrito com minúcia de detalhes que os interessados podem consultar no referido Arquivo Lisboeta. Foi exatamente no "Caderno dos Solicitantes" (nº 1221, folha 162) que aparece a denúncia mais documentada contra o Vigário da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação, a Matriz de Natal: o acusado é o Padre Manuel Cardoso Andrade, nascido em 1699 e falecido em 1762. Foram ao todo sete mulheres que juraram pelos Santos Evangelhos que o referido sacerdote fizera-lhes propostas indecorosas no momento da confissão. Destas, cinco são mulheres de condição humilde, como a parda Maria José de Barros, solteira, que acusou o vigário de tê-la mandado ir buscar o atestado de sua confissão quaresmal em sua casa, na Rua dos Guardais, em vez de entregá-lo na própria igreja. Lá chegando o sacerdote lhe disse que daria o atestado "quantas vezes quisesse ter cópula com ele". Necessitada do atestado e tentada pelo Demônio, Maria José confessou que manteve duas relações com o Pároco, marcando os encontros na Tribuna da Capela de Santana.

Quatro denunciantes eram escravas: a crioula Rita acusou o Pe. Manuel de tê-la possuído duas vezes, enquanto Lucrécia, de nação Angola, Joana mulata e Ana Maria Crioula, atestam apenas terem sido "cantadas" para atos torpes. Embora demonstrando preferência por mulheres de cor, também algumas brancas denunciaram o Vigário da Matriz de N. Sa. da Apresentação: Teodósia Maria, casada com um tal Capitão Dias foi uma delas; outra, a mais ilustre desta lista, foi a moça Josefa, "filha do Capitão Albuquerque Maranhão", descendente direto do primeiro comandante da Fortaleza dos Reis Magos, ascendente do Coronel André Albuquerque Maranhão, corifeu da Revolução de 1817. Talvez temendo represália do pai de tão ilustre donzela, com esta penitente o Vigário da Matriz de Natal não foi além de "apertar-lhe um dedo no confessionário".

Nestas denúncias, as testemunhas declararam que a castidade não era o forte do Padre Manuel: "é mal procedido no 6º mandamento, sobretudo com uma sua escrava, por zelá-la com excesso, tanto que a tornara forra para servi-lo enquanto viver." Feito o Sumário de Culpas, constatam os funcionários do Santo Ofício que algumas das denunciantes eram "faladeiras e meretrizes", outras, virtuosas, daí concluirem: "como são várias, sete testemunhas fazem uma grande prova". Em 1759, após examinar cuidadosamente o Sumário, o Santo Ofício de Lisboa envia ordem para que um novo Inquiridor faça nova investigação para confirmar se as testemunhas não eram controladas por inimigos do sacerdote. Neste particular, verdade seja dita, a Inquisição no mais das vezes mostrava-se correta: só mandava prender um suspeito após muitas provas seguras de seu "crime", e não raras vezes quando feito um segundo inquérito comprovou-se que a denúncia não passava de maquinação caluniosa. Lastimavelmente não se realizou nova inquirição, pois para sorte do Vigário, em 1762 a morte bateu às suas portas. Tinha então 63 anos. Seu falecimento foi um tanto trágico: não teve condições físicas de receber o viático (comunhão) "porque a doença o privou dos sentidos e apertou os queixos" — provavelmente vítima de tétano, quem sabe, ferindo-se num prego ao pular alguma cerca...

Ayambuo

Teve enterro solene na Matriz: vestia hábito clerical com alva e estola, manípulo, cordão e casula de damasco branco e vermelho. Seu caixão percorreu a cidade de Natal, fazendo "estações" pelas ruas, tendo à frente o novo Pároco com capa de asperges, tudo conforme dispusera em seu testamento, com pompa máxima. Na sua igreja de N. S. da Apresentação celebrou-se missa solene de corpo presente, contando com a assistência de todos os clérigos da freguesia. Certamente entre os presentes devia estar sua escrava predileta, agora cidadã liberta conforme disposição testamentária. Um final feliz digno dos justos. Caso tivesse sido preso, além do frio inverno nos cárceres de Lisboa, teria sido castigado com açoites, permanecido dois ou três anos na prisão, suspenso das ordens religiosas e privilégios clericais, degredado de 5 a 10 anos para alguma vila das fronteiras de Portugal, igual ao que sucedeu a centenas de outros padres solicitantes, vários do Brasil. A morte livrou-o de todos esses dissabores inquisitoriais.

Mais outros 3 sacerdotes do Rio Grande do Norte têm seus nomes incluídos no "Caderno dos Solicitantes": um tal de Padre João Alves, vigário da Boa Vista, denunciado pela mesma escrava Rita. Não entra em detalhes sobre sua relação com este sacerdote: imaginamos que esta crioula devia possuir muitos encantos para estar tirando os padres do sério.

Outro solicitante é um frade, residente na Freguesia do Açu, que segundo informação de Aires de Casal na sua **Corografia Brasílica** (1817), "é a vila mais considerável, populosa e comerciante da parte ocidental da Capitania". Foi em 1752 que Isabel Pereira, mulher casada, denunciou que Frei Inácio de Jesus, Carmelita Reformado da Província de Pernambuco deixou-a para o último lugar na fila de confissão, e sendo já noite, com a igreja mal iluminada pelas poucas velas e candeias, "teve pulsão nas mãos dela". Mais ousado que o Vigário de Natal, porém menos corajoso que uma centena de outros sacerdotes deste Brasil afora, que não se contentavam apenas com uma "pulsão" (masturbação), mas

completaram o ato sexual na própria igreja. Como porém tratava-se de apenas uma denúncia, o Santo Ofício arquivou o caso, apesar do agravante: "no dia seguinte Frei Inácio de Jesus a confessara e lhe dera comunhão", perdoando um pecado que canônicamente era-lhe impedido absolver posto que cúmplice do mesmo.

O último caso de solicitante do Rio Grande do Norte é o Padre José Inácio de Oliveira, da Freguesia de S. João Batista do Apodi, próximo à fronteira com o Ceará. É acusado de "não lhe escapar nenhuma mulher no ato da confissão a quem solicitava para terem com ele atos pecaminosos" (CS, nº 20, fl. 403). Tanta vitalidade talvez devesse às boas qualidades do lugar de sua paróquia, que segundo a **Corografia Brasílica,** possui "ar fresco e salutífero, onde se bebe excelente água de duas fontes perenes".

Os dois outros episódios inquisitoriais ocorridos nesta região referem-se a pecado contra a religião: práticas religiosas proibidas. Aos 29 de Outubro de 1760 foi preso na Cadeia de Recife um índio, José Reis, "do Rio Grande do Norte". Seu crime: "trazia uma bolsa no peito com partículas que não se sabe se são consagradas." (Caderno do Promotor nº 125, fl. 386). Centenas de brasileiros de todas as cores e classes tiveram sérios problemas com a Inquisição por trazerem consigo pequenas bolsas de pano ou relicários onde escondiam hóstia consagrada surrupiada no momento da comunhão. Outros metiam dentro desses "patuás" ou "bolsas de mandinga" objetos cabalísticos: orações fortes, sementes ou ossos de animais, pedacinhos de "pedra dara", etc. Tocar numa hóstia consagrada era considerado grave sacrilégio e quem a trouxesse numa dessas bolsinhas, arriscava ser preso e enviado para os cárceres de Lisboa. As intenções dos faltosos eram piedosas: queriam ter a proteção do próprio corpo de Deus junto do coração. A Igreja porém nunca autorizou tal piedade, por considerá-la desrespeitosa ao Santíssimo Sacramento: só os sacerdotes podiam tocar na Santa Comunhão. Como se tratava de um índio — certamente oriundo de uma das três colônias-missões — Apodi-Paiacu, Icó, Panati — recentemente cristianizado, acrescido do fato de não se ter certeza se a hóstia era consagrada ou não, após mofar alguns anos na cadeia à espera do despacho de Lisboa, finalmente o Santo Ofício mandou ao Comissário de Recife que repreendesse exemplarmente o pobre índio e que fosse solto. Segundo informação do Padre Marcos Soares Oliveira, "Visitador da Freguesia do Rio Grande", nesta bolsa carregada por José Reis encontrou quatro partículas e uma agulha, e que fora outro índio, Braz, quem lhe dera a referida bolsinha. Como prescrevia o Ritual Romano, retirou o sacerdote as partículas de seu invólucro, comungou-as e queimou a bolsinha, vertendo as cinzas na pia batismal, cuja água foi em seguida vertida no sumidouro. Quem escreveu tais informações foi o Padre Pedro Bezerra de Brito, o mesmo que recebeu o termo de emenda do índio José Reis, datado de 12 de março de 1762.

O último episódio relativo ao Rio Grande do Norte tem a ver com a mesma devoção popular considerada herética e suspeita na fé pelos Inquisidores. Foi no ano de 1765, na Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de Inhamus, no Ceará, que um tal de Pedro Alvares Correia foi acusado de trazer uma bolsinha no pescoço contendo uma oração forte que lhe fora dada pelo Padre André Sepúlveda, da Freguesia do Apodi. Quem fez a denúncia foi o Padre José de Freitas Serrão, que explicou usarem tais pessoas esses "patuás de mandingas" a fim de ficarem "forradas para não entrar no corpo xumbo nem ferro". Foi esta a intenção do acusado: "para não morrer de xumbo nem de bala, comprou a oração pagando sete bois". Dois graves pecados: carregar uma oração forte a qual se atribuia poderes cabalísticos, portanto, superticiosos; da parte do sacerdote, grave desrespeito à religião, pois ao vender a oração pelo exorbitante preço de sete bois, cometia o pecado de "simonia", isto é, vender coisas sagradas. Também este episódio não teve desdobramentos judiciais, sendo arquivado. Nesta mesma denúncia, diz o zeloso Padre Serrão que vários feiticeiros e feiticeiras exerciam suas artes diabólicas na região, tendo através de seus malefícios matado diversas pessoas, sobretudo negros e índios. Conta inclusive que até seu próprio escravo ficou doente devido à feitiços, tamanha era a força dos feitiçeiros nestes sertões. A referência à "patuás" e "mandingas" em meados do Século XVIII obriga-nos a concluir que a influência africana — apesar da fraca presença de negros na região — tem raízes antigas e profundas. Sobretudo o que nos revelam tais documentos é de um lado a hipocrisia dos ministros do altar, que embora pregando em favor da castidade, no segredo dos confissionários davam maus exemplos por palavras e gestos imorais. Por outro lado, estes manuscritos da Inquisição expõem uma vertente da religiosidade popular — o culto às orações fortes e aos patuás como proteção contra a violência reinante nestes sertões nordestinos, onde qualquer mortal estava sempre sujeito a levar uma bala ou facada, tanta era a impunidade dos crimes. Desde 1821 que o terrível tribunal da Inquisição foi extinto: hoje a igreja católica perdeu o direito de açoitar e queimar os judeus, homossexuais, feiticeiros, e os padres não mais precisam solicitar suas penitentes no confissionário, pois sem a batina, andam livremente pelas ruas e cidades, sem o controle que antigamente exerciam todos os cristãos. Lastimavelmente, porém, ainda vivemos sob o espectro da Inquisição: a proibição recente do filme "Je Vous Salue Marie" e a condenação ao silêncio do "teólogo da libertação" repetem o mesmo procedimento autoritário do Santo Ofício. Inquisição nunca mais!

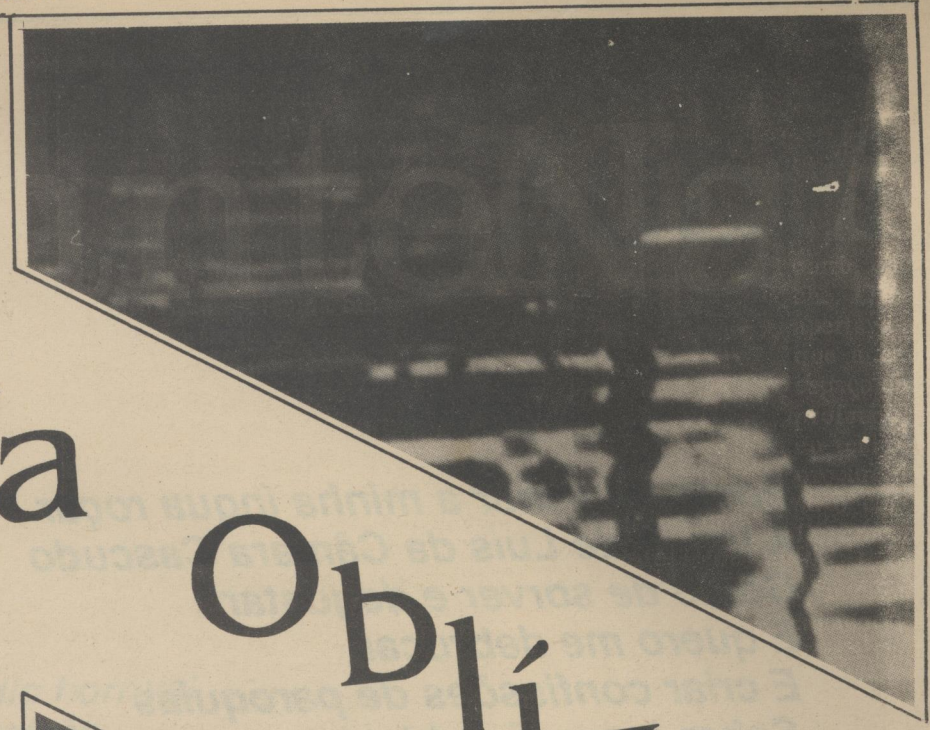
Luiz Mott (BA) é professor do Departamento de Antropologia da Universidade da Bahia.

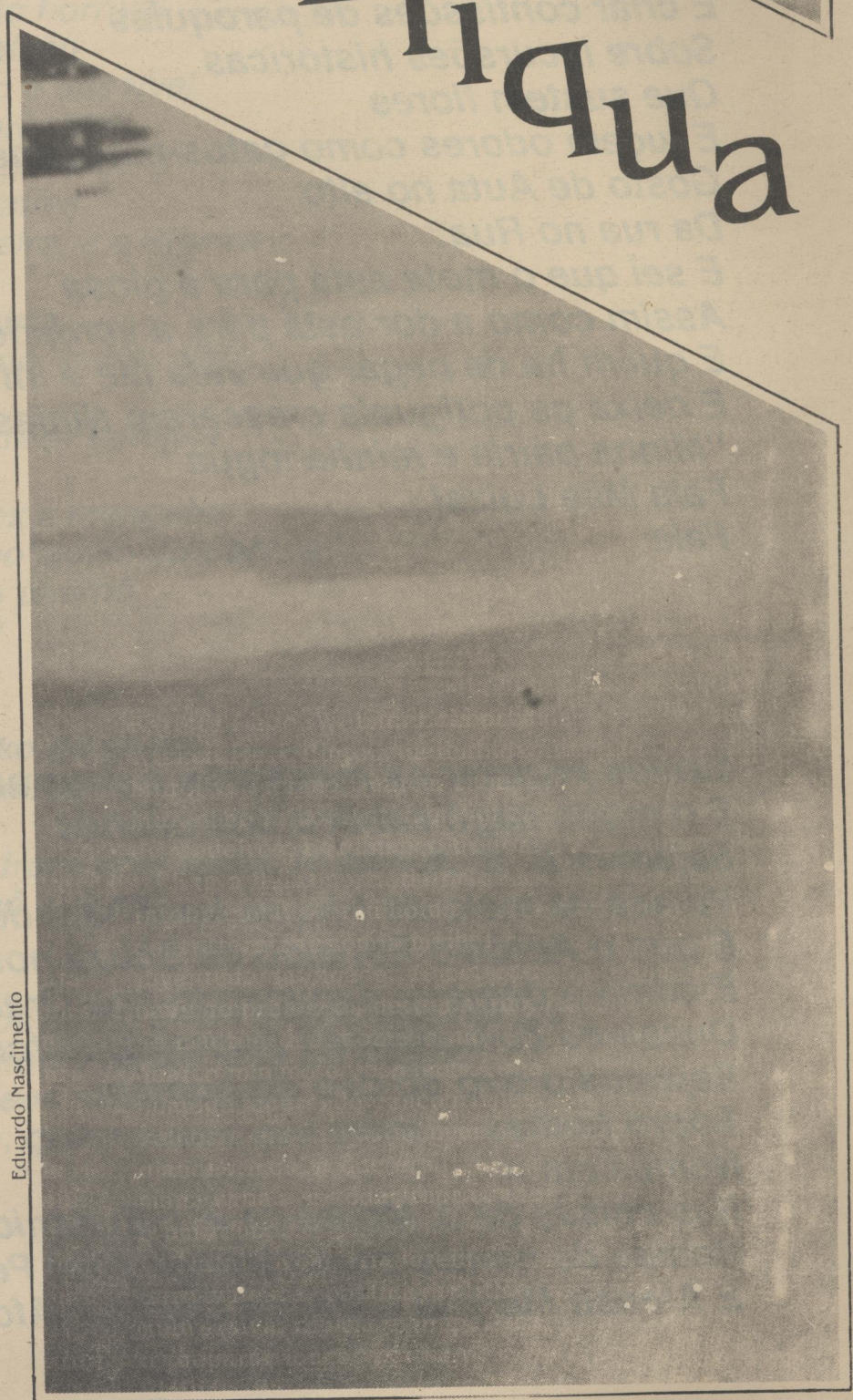
Arquivo

Condemnados que evitavão o fogo por confessarem depois da sentença.

Chuva Oblíqua

Eulício Farias de Lacerda





Eduardo Nascimento

Ao se aproximar da ponte, a menina segura com força a mão do cego: Bó, a carreta! Mas ponte, disse o cego, foi feita para carro, cachorro e cego. Marche. Marche. O cego sentiu que a menina lhe apertava a mão com mais força. Sabia que a carreta tomava quase todo o espaço da ponte e embaixo o rio cheio, profundo, amedrontava a menina. Bó, eu tenho medo! Segure minha mão e procure desviar o mais que puder, disse o cego. E só para si: "Ponte foi feita mesmo para carro, cachorro e pobre. E cego também né?". Embaixo o barulho da correnteza forte do rio aumentava, ao passo que os dois se acercavam mais do meio da ponte, onde a enorme carreta se arrastava com lentidão. Da outra margem uma garça levanta vôo e passa quase rente sobre a cabeça deles. Desviam-se para passar um carro. O cego percebe e sacode a mão da menina: Que pássaro foi? Uma garça. Uma garça? Ah, ah, uma garça... Ele começou a se lembrar de quando, garoto ainda, enxergava também e via aquele bando de garças que cruzava o céu e parecia flocos brancos de algodão que se perdiam no infinito. Ah, ah, uma garça... O rio das garças não era este que estava agora sob seus pés. Agora ele ouvia o grito das aves que voavam espantadas da margem. Não. Não. Não era este aquele rio. Soltou a mão da menina e seguiu-a de perto batendo com a bengala no cimento da ponte. O grito das garças. De repente percebe que algo de estranho está acontecendo. Chama pela menina. Uma voz de macho lhe grita do lado da carreta: Vá em frente, ceguinho, cuidado para não cair na ponte. A menina vem comigo! Não sabe como, sentiu que o chão lhe fugia dos pés. Atordoado e confuso, ainda escutou o grito abafado da menina sem atinar de onde. O cego joga fora a bengala, desequilibra-se e se despenca do alto e cai como uma pedra nas águas revoltas do rio.

O rio e o mangue. As garças, não. Lá adiante um barco de pescadores. Será este mesmo aquele rio? (Um corpo que cai). Ah, um corpo caiu na água. Profundezas. Um homem? Uma bengala no meio da ponte. Eles pensam que cego não é gente. Pois não. Deus fez o rio e os outros, a ponte.

A última esmola foi daquela mulher da casa da árvore. Sim. Sim. A árvore de Natal? Que árvore bonita, Bó, assim de bolinhas coloridas. Viu, Bó? Tinha visto sim com os olhos dela. Viu sim. Povo rico, povo feliz né? Boas festas, bons anos! Depois vendem as bolinhas de graça, até dão... Os ricos. Dona, me dê umas bolinhas dessas que não servem mais para eu dar a minha menina. Agora o grito da menina era o daquela garça, floco de algodão nas nuvens, que passou sobre a sua cabeça. Que pássaro foi? Chuvinha branca que cai em mim ("mas não no lá fora").

Os de lá, do outro lado da ponte, no barraco estavam esperando por eles. Tinham vindo desde cedo à cidade pedir esmolas. Véspera de Natal. Todo mundo é aquela alegria que só Nosso Senhor sabe dar. Boas festas, ceguinho! Deus lhe dê o céu, dona. O melhor dia de se pedir. Feliz ano novo! Sim. Sim. Felicidade? Ah, coisinha que não tem tamanho, vezes, um nadinha de pichototinha que é. Ah. Mãe Natinha chamava a gente, a meninada toda, para armar o presepe de Natal. Cego também se lembra das coisa né? Muito tempo. E o que aconteceu naquela noite foi milagre? Como é que a gente vai saber como diacho Mãe Natinha conseguiu arranjar aquele presepe? Uma manjedoura de verdade. Quando a gente chegou lá, já estava Mãe Natinha sentada no chão com o Gilzinho no colo e cercada pelo boi manso, o Pacato, de seu Tonho, a vaca Montanha e seu bezerrinho mais o burro Pilar e as ovelhas da viúva Sousa, a vizinha. Os animais deitados ali naquela paz ruminante, quietos, parecendo em adoração à Mãe Natinha e o Menino. Meia-noite o galo cantou e foi aquela alegria sem definição como é a alegria de noite de Natal. Cantou outra vez e mais outras e quando começou a amiudar, de repente apareceu no céu a estrela dalva iluminando o mundo. Aí só faltou quem viesse avisar os três Reis Magos na igreja de Santos Reis, em Natal. Bendito o fruto de vosso ventre, Jesus.

Perto da meia-noite. O sino da nova catedral chamando os fiéis. Ainda há tempo para outra taça. Ângela é uma novela para se arrumar. Também é bom deixar passar essa neblina. (Chove em mim, mas não no lá fora). Sim. Vi. Ainda quis parar o carro. Buzinaram. Buzinaram forte. A bengala no meio da ponte. Um cego? Tropeçou e despencou de ponte abaixo. O rio e o mangue. Lá adiante um barco. Vão salvá-lo?

(Agora eu, Gil) me imaginando ele, o cego, antes do final, contaria para eles (os do barco) que "ao aproximar-se da ponte, a menina..." É o mais que posso fazer por ele. Minha homenagem, Bó, nesta noite de Natal. Que Deus o tenha no céu. Amém.

Eulício Farias de Lacerda (PB) é escritor, autor dos livros **O Rio da Noite Verde, As Filhas do Arco-Íris, Os Deserdados da Chuva, O Dia em que a Coluna Passou** e **O Galope do Cavalo na Noite.** Reside há vários anos em Natal.

ÍNGUA

a Eliane Simões (Pipi)

Carlos Magno

Gosto de sentir a minha íngua roçar
A íngua de Luís da Câmara Cascudo
Gosto de sorver e degustar
E quero me debruçar
E criar confissões de paróquias
Sobre incursões históricas
Que sustem flores
E fuçem odores como gatos-pingados
Gosto de Auta no alto
Da rua no Rua
E sei que o mote está para a glosa
Assim como a dor está para a verdade
E quem há de negar que esta lhe é inferior
E deixa os potiguais crescerem Ninjas
"Minha pátria é minha íngua"
Fala Mãe Luíza!
Fala

Forte dos Magos Vilmolândia
Anglordestina tupi sem dó
O que quer
O que pode
Esta íngua?

Vamos projetar os mossorós e seus auês
E o mudo nagô caboco dos michês
Sejamos U. S. A.
Vamos na melô da fricção hare hare de Lucinha Morena
E que o Antônio Ronaldo de Souza nos proclame
E coma a dama — explicando-nos Orango Tango
Ouçamos com atenção as proparoxítonas da Vigário Bartolomeu
Sejamos o ovo do ovo do homem
Adoro nomes
Nomes em J
Nas coisas de J. Medeiros e J. Epifânio
Nomes de nomes como Marizo Vitor Pereira, Eliezer Isidoro,
E Afonso Martins e Marize Castro e Afonso Martins

Forte dos Magos Vilmolândia
Anglordestina tupi sem dó
O que quer
O que pode
Esta íngua?

Se você tá num tédio horrível
É melhor vestir o calção
Está avisado que só é possível
Gozar bem com repressão
Flash quer dizer vaga-lume
Zully quer dizer patativa
E a Ribeira, e a Ribeira, e a Ribeira
Minha bandeira!
A íngua é minha pátria
E eu não tenho pátria: tenho plata
E quero Lata
Proesia discreta e troça católica
Gótica kurtura
Forrock, choco-latex e mangaba
Será que ele está no Morro do Careca?
Bah tchê à beça no chernô
Que rangas, mino?
Torô dento

okó akuenda traveko da gilete
Vambora baby, os alibã
Yo never more
Tá CÔMprida mandrake com etaba, tu acha?
Elle así mais amapô que eu
Merci merci

Nós trova-prosamos como quem inveja astronautas
Mas sofremos tremores na Barreira do Inferno
Livros, discos, vídeos nantam cheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

Carlos Magno (RN) é poeta, editor de **Palávora.**

Natal, Amante

Dorian Jorge Freire

Estou chegando a uma idade (ou já desembarquei?) na qual a evocação de antigas e perdidas amantes, matérias de memória ou de sonho, não incomoda sequer minha mulher. O mais que a recordação provoca é um muxoxo. De condescendência. Ou ceticismo.

Pois vá a confissão em boca de cena: Natal foi minha amante desde eu menino. Nem conhecia os calores femininos e ela já era meu segredo. Tudo que era, tudo que possuía, seus mistérios, e dengues, e faceirices, e simulações - eu conhecia no silêncio de minhas caladas tentações e posses. Natal era meu alumbramento. E não se diga que o menino de então não conhecia cidade maior do que a sua Mossoró. Não, não. Já vivera em Fortaleza. Natal era uma eleição, uma opção. Uma tendência.

E pela vida afora, daquela infância perdida a esta velhice mais perdida ainda, ela tem sido minha obsessão constante, fiel. Livre ela aos ventos que vêm do mar e eu preso aos ciúmes, ternuras. Às coisas mais secretas e inefáveis do querer-bem.

Natal mudou, aleluia. Não mudou minha paixão pela cidade que se multiplica sem perder sua unidade. Cresce biblicamente em graça e em sabedoria: ela cresce e eu diminuo. O progresso não a avilta. Maior e quase cosmopolita, ela não é a "vaca colorida" ou "vício de pedra", como das grandes cidades maldizia Nietzsche pela boca de fogo de Zaratustra.

Natal cresce sem perder a identidade, sem esfarelar seus miolos, sem soltar seu tutano, mantido os escondidos que fazem a glória das autênticas cidades dos homens.

Jorge Mário

6 — Vista Aérea da Cidade de Natal

A minha primeira Natal foi a dos anos 40. Haviam rastros ainda de americanos que não conseguiram ordinarizá-la. Lá está a Ribeira, ali o Alecrim, Petrópolis, as Rocas proletárias, Tirol de Enéas Reis e Xixico Couto. Bondes, mangueiras, sombras e iluminações. Sobradões. Sítios. Solares dos últimos coronéis ainda não devastados pela cupidez da especulação capitalista, materialista. Foi a Natal de minha gente: Enéas Reis, Xixico Couto, Eutiquiano, tia Justa, tio Manuelzinho, o mulato Chagas, matinês do Rex, barracas na pracinha (cadê Ivone, meu bem?), Tirol terminando aos pés do Aero Clube, Redinha quase exclusivamente. Natal do "Jornal de Natal", Café, Sandoval, Calafange, Floriano, Dom Marcolino, Zé Varela.

(Como eram gostosos os cigarros daqueles tempos, fumados às escondidas, comprados a retalho, Selma, Astória, Mistura Fina, Continental. Iguais, só as tentações não realizadas de ousar as noites longas nas ruelas proibidas de uma Ribeira que só despertava às desoras).

Natal dos anos 50. Cheguei, adolescente, trazido por Djalma Maranhão. Pensão Comercial da Rua Coronel Bonifácio, hoje Câmara Cascudo. Cuidados de dona Rosa, atenções de Morais. A aventura macha de morar sozinho. Trabalhava no "Diário de Natal" de Edilson Varela e admirava, de longe, respeito reverencial, justo respeito, Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Danilo. Tempo de convivência diária com Leonardo Bezerra, Guaracy Queiroz de Oliveira, João Batista Pinto, William Cobbett, Araken Irerê Pinto, Aderbal Morelly, Ticiano Duarte, Luiz Maranhão Filho, Antonio Pinto de Medeiros, Ferdinando Couto.

Era a descoberta da inteligência, o orgulho de confraternizar com a melhor juventude da cidade, as noites ouvindo preleções de Leonardo, as madrugadas, sozinho, no quarto mínimo da pensão humilde, querendo descobrir, em velhos e ensebados manuais clandestinos, o que era mais-valia e se toda propriedade é um roubo.

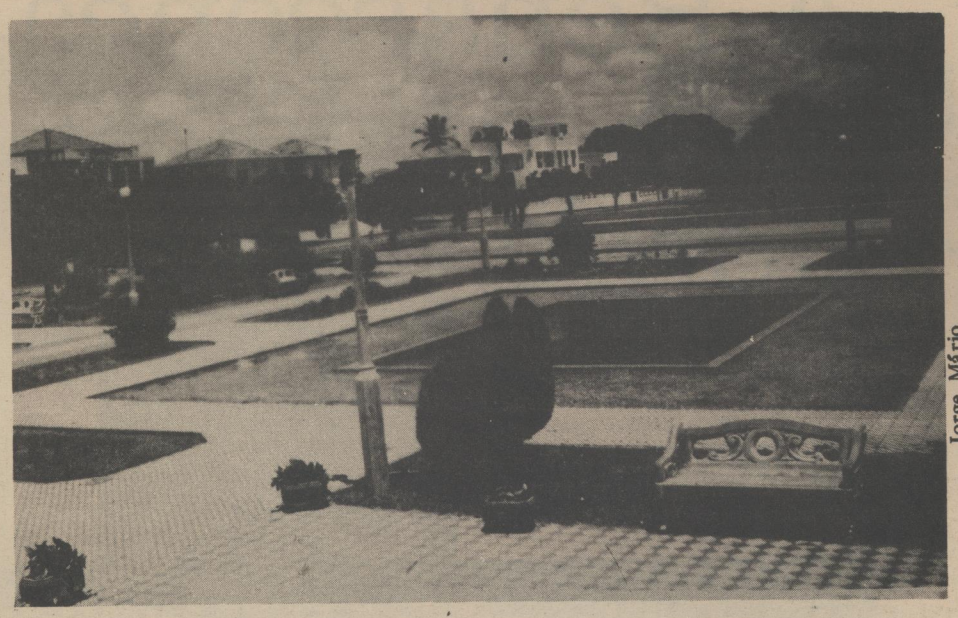
Natal jovem, irreverente, carnavalesca, poética, política, subversiva, diurna e vespertina a preparar longas noites de vigílias. Bares. Sorveteria Cruzeiro. Taboleiro da Baiana. A cervejinha na Pensão Ideal. As putas que nos passavam gonorréia e humildade.

Tudo era deslumbramento. Newton Navarro, Dorian Gray, Meira Pires. Manuel Rodrigues de Melo, Esmeraldo, Luiz Maria Alves, a redescoberta de Jorge Fernandes. José Gonçalves de Medeiros. A pungência inata de Gilberto Avelino. Cascudo já era Cascudo. Monumento. Mito. Primeiro - por justiça justa justíssima. Primeiro Cascudo. Depois os outros.

Depois Natal nos anos ásperos de 60. A mesma humanidade. Escorrendo, quente, espumoso, o leite gordo da ternura humana. A solidariedade instantânea de Woden, radical até na generosidade. O encontro com Maria Emília-Berilo, que marcou tanto e tanto enriqueceu minha vida. Sanderson, Luiz Carlos, Rubens Lemos, Antonio Melo, o reencontro com a competência de João Neto. Luiz Maria Alves, Celso, Myriam Coeli (Maria do Céu), Zila. Amei tanto Natal dos anos 60 que lhe dei, de nascença, minha Raíssa. Natal-60 prolongava a Natal de todas as décadas, de tal forma fascinante que adotei. Mossoró, Aracati, São Paulo, Ouro Preto, Salvador, São Luis.

A derradeira Natal foi recente. Eu já alcançado por um enfarte do miocárdio e uma isquemia cerebral. A cidade maior sem perder sua estatura. Fiel aos seus valores e desvalores, enriquecida por outras fortunas. Que Natal se renova sem cirurgia plástica e envelhece alegre com o segredo guardado da eterna juventude.

Os Alves - Aluízio, Agnelo, Gobat. Ednólia e Geraldo Melo, as noites estiradas na conversa amena. João Ururahy, Lalinha e Genibaldo, Zélia Freire, Teresa, Romeu Aranha, Nídia Mesquita, Marta e Milson, Roberto Varela, Serejo, Albimar, Paulo Tarcísio, Paulo Macedo, Odilon, Sarinho, Américo, Mário Moacir Porto, Veríssimo, o admirável Vivi, Elenir Fonseca, Haroldo e Selma, Nei Marinho, Nei Leandro, Tarcísio Gurgel, Leopoldo Nelson, Franklin Jorge, Eulício, Socorro Trindad, Gualberto, Marcos Aurélio, Rejane, Mariza. Próximo ou



Jorge Mário

distante, presente, Nilo Pereira, o mestre, mais doce do que todo Ceará-Mirim.

Multidão. Diante da multidão, Jesus teve pena. Diante da humana gente de Natal, eu me ufano de meu país. Afonso Celso e eu. Porque se cada pessoa é ela e sua circunstância, as circustâncias natalenses têm grandezas. Paris seria melhor sem os parisienses? Natal carece de seu povo. Completa-se com ele. O mar, os morros, as dunas, o verde, os botecos, freges e forrós, os grandes e os miúdos, becos e avenidas, calçadões e vielas, povo. Eis Natal humana. Que deve parar de crescer se não quiser desafiar o bom senso do meio termo.

Depois de deixar Natal pela última vez, fisgado por outra isquemia cerebral, aviso da delicadeza da Providência, passei a visitá-la às pressas, às escondidas quase, o tempo necessário para beijar os netos e pôr a benção nos filhos. Com medo, quem sabe? do visgo que Natal tem, o mesmo visgo de Mossoró e São Paulo, o perigo de não querer voltar, achar que pode se dar ao luxo da capital o interiorano matuto, mais certo no silêncio de seu caritó, entre livros, os olhos voltados para o pé de cajarana plantado por sua Mãe, faz oitenta anos.

Ela, minha mãe, Dolores Couto, quando falava de sua Escola Doméstica, com Jacira, Alda, Emília, Maria de Lourdes, Ilnah, Elza, Anatilde e Ricardina, dizia - "no tempo em

Jorge Mário

que eu era gente..." No tempo em que eu era gente, podia viver Natal. Hoje, não. Há muitas cruzes erguendo seus braços na procura da eternidade. Natal também passou a ser para mim um campo santo. Chão sagrado. Repouso de guerreiros. Os idos. Os idos.

Natal é isso. Só? Mais. Muito indefinível nos seus contrastes, pecados e santidade, risos e lágrimas, passado e futuro. A luz ardente dos refletores. A brisa fria de suas madrugadas obscuras e insones.

Recife e São Luis lembrariam Veneza. Recife, para o Mestre Alceu, tem o cheiro de Florença. O que me lembrou Natal lá fora, nas Oropas agora dos impossíveis?

A luminosidade de Roma, sua espontaneidade, sua abertura, até sua molecagem gostosa. Apimentada. Com pimenta malagueta.

Se eu não tivesse encontro marcado para daqui a pouquinho com meus pais e avós, juro que esperaria o fim do sonho em Natal. Tia Carmem, tio Enéas, Eider, Eutiquiano, Berilo, Myriam e Zila, Barca e Antonio Pinto, contariam histórias. Cascudinho as decifraria todas e lhes daria as origens.

Se não blasfemo - Deus me livre e guarde - que céu teria mais gosto de céu?

Dorian Jorge Freire (RN) é escritor e jornalista.

A Renascença de Jorge Cooper

"A História do Mundo e o Tribunal dò Mundo" (Hegel)

Marcos de Farias Costa

Arquivo

Cooper: "Um cactus solitário na poesia alagoana"

Nada parece mais com Jorge Cooper que a sua própria poesia. No caso, a famigerada frase do famoso francês naturalista Buffon — "Le style c'est l'homme même" — aplica-se com leveza dialética. Mas, que representa a poesia epifânica de Jorge Cooper? Quem é, afinal, este singularíssimo artesão de uma nova sintaxe poética, intelectual "engagée", autodidata que foge das rotulações corriqueiras — indagariam os pouco incautos que por excesso de ingenuidade cultural, agora medianamente consertada nesta retardatária edição **princeps,** ainda desconhece-lhe vida e obra? Tarefa dura e inexequível esclarecer às pressas tais pontos, sem uma interpretação analítica, de afogadilho, impressionísticamente. Mas arriscaremos a jogada, numa aposta pascalina.

Pra começo de conversa, o que há de mais gratificante para os que amam a "coisa literária" é se tirar dois ou três dedos de prosa (poesia) com este cidadão-poeta de cultura literária pan-abrangente e refinadíssima, sensibilidade trágica, clarividência estética exacerbada e profundo conhecedor da fragilidade humana. Extraordinário "causeur", leitor infatigável de todos os assuntos que existem entre o céu e a terra, mente aberta para o diálogo dialético, de maneira apaixonada e apaixonante, extraindo, socraticamente, de seus interlocultores boquiabertos e abismados, o fascínio permanente. Uma das mais fascinantes experiências de nossa vida cultural foi o contato gozoso com os seus textos: privar com a poesia metalírica e alumbrante deste "alagoanglo" (filho de pai londrino e mãe descendente de batavos). Cooper, estilista de uma pessoalíssima sintaxe, é o nosso "miglior fabbro." Cooper é poeta para poetas.

O crítico inglês **Theobald Ritchie** aconselhava aos principiantes, nos cueiros da literatura, que para uma melhor empatia estética, se deveria "escolher um poeta de predileção e viver com ele até chegar a uma completa identificação emocional, o que significaria a abertura do espírito para toda poesia." O leitor, de muito tempo imerso na leitura de seu poeta do peito, atingiria pelo convívio mental e amoroso o patamar complexo do entendimento tácito de toda poesia. "Traduzir é conviver", lampejou João Guimarães Rosa. Entender e amar poesia também pressupõe convívio. Assim, se o nosso poeta predileto é o que aqui "resenhamos", a paulatina recepção microcósmica de sua poesia pode abrir-nos as portas da percepção para o conhecimento macrocósmico de toda poesia, pela "completa identificação emocional". Sua poesia de nobre melancolia metafórica e antropofágica libera-nos para o reino desruptor de ligação alegórica com a poesia universal, ou, em conceitos goetheanos, da Weltliteratur.

Heráclito de Efeso, em enigmático fragmento, adverte-nos: "O caráter é o destino (**daimon**) do homem." Em todas as circunstâncias a poesia pós-formalista de Cooper — poesia pedregosa, plurienxuta, bouleversadora, antiadiposa e planetária — exclui quaisquer resíduos sentimentais, elimina discursivamente os apêndices supérfluos (pontuações & normativismos semafórico-sintáticos), assume-se objeto fatal, transfigurando-se criticamente num sol irônico contra as trevas diluculares caetésicas.

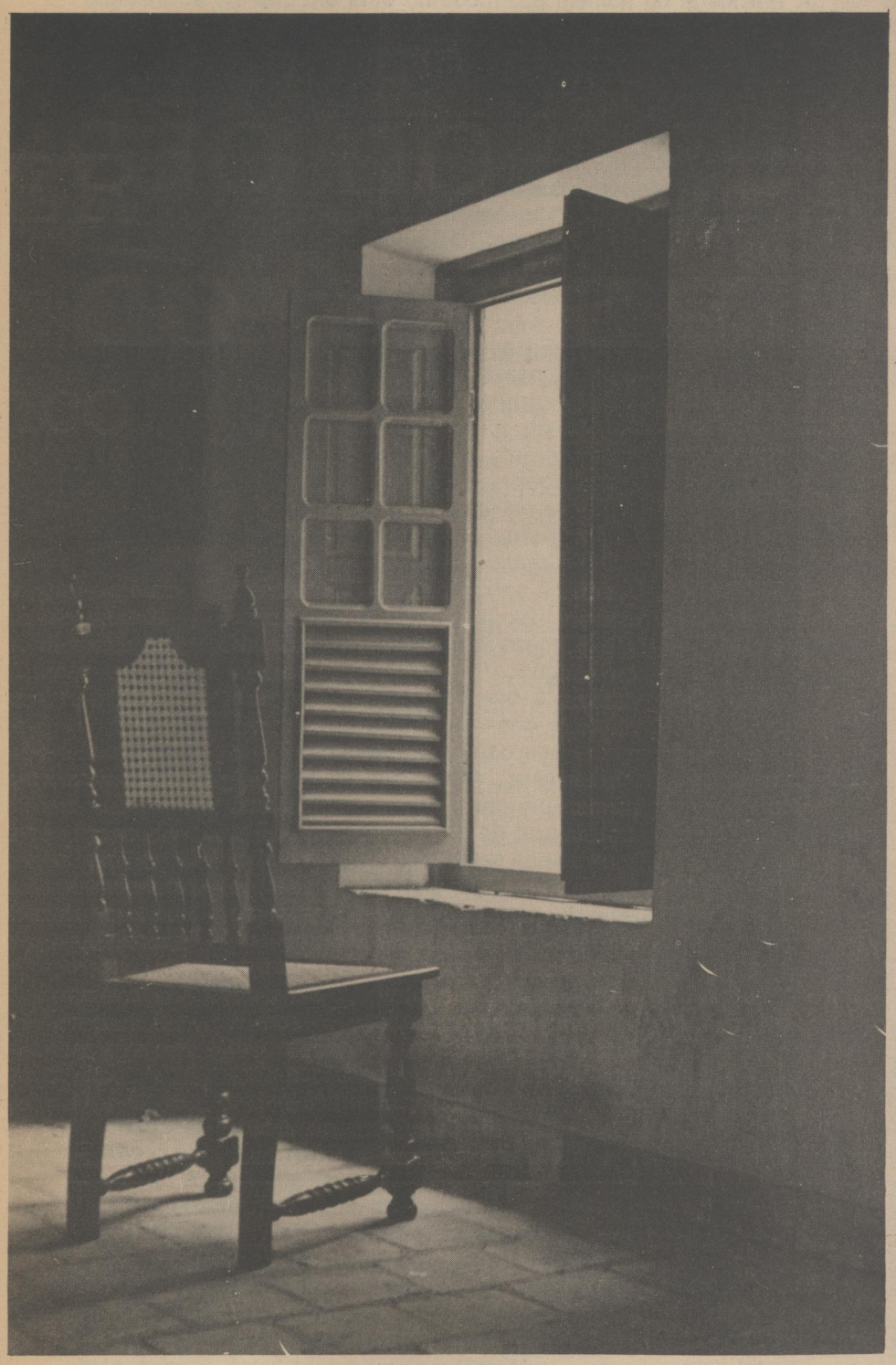
Alguns intérpretes afoitos, costumam perfilar o falso argumento de Cooper ser "autor difícil", esotérico, hermético — **ersatz** de antediluvianos papiros egípcios, espécie de "hiéroglyphe obscur". Tal preconceito, próprio dos mistificadores profissionais, deforma a perspectiva histórica e turva a verdade. Se a canção de Jorge Cooper por vezes sôa áspera e dissonante explica-se pelas inerentes dissonâncias da vida onde os acordes jamais são perfeitos. Mas inexiste negatividade niilista ou desespero distópico: a esperança é o seu moto perpétuo, sua melodia infinita e decisão humana íntima. O cosmo inteiro — e eis um critério shakespereano — ressôa em sua Obra, habita suas páginas, construídas com rigor sólido, além de um revolucionário sentimento do mundo, imprimindo uma heróica repulsa a toda ordem pré-estabelecida e vazios pragmáticos pequeno-burgueses. Quanto àquela presumida "hermeticidade", detectada pelos **burros-boys** da crítica "cri-cri" provinciana e provincial, decorre de um malicioso artifício de maledicência pseudoliterária. Desta forma, confunde-se a efetividade das coisas, borra-se o problema central da longuíssima inediticidade do autor: hermética seriam as (dez) razões para um poeta do seu porte permanecer até a idade dos 75 anos **ad usum Delphini,** lido só por um círculo restrito de admiradores e amigos — os **few happy** —. Assim, escamoteia-se as causais sutilezas históricas que converteram em autor inédito (homericamente oral) o melhor e maior poeta alagoano de todos os tempos, que na dicção equilibrada e certeira da filóloga e escritora italiana Luciana Stegagno Picchio: "Cooper é um cactus solitário na poesia alagoana."

Aqui dosamos impressões e olhadelas; fizemo-lo sempre com um misto de temor e tremor, não apenas pela alta qualidade de sua lírica, mas também pelo que de amizade nos une: e agora ficamos juntos pelos séculos dos séculos.

Por fim teremos Cooper em estado de livro, pronto para ser degustado pela posteridade (e contemporaneidade), em página viva e vertebrosa — finos textos seminais aptos à leituras infinitas quando assim o bom gosto o determinar. Sorte a nossa contarmos com um poeta universal ao alcance de nossa geração, ao alcance de nosso idioma. Poeta das assonâncias secretas, das rimas internas, sibilantes, quase invisíveis, harmonicamente perfeitas, dialeticamente dissonantes; poeta sonegado há tanto tempo e somente agora enormemente nosso, para todos. Uma lição de literatura e música. A vida não sai de mãos vazias. Lucramos esteticamente com esta edição tardia do poeta maior Jorge Cooper.

Cumpriu-se a profecia bíblica: "A pedra que os obreiros rejeitaram tornou-se a pedra fundamental."

Marcos de Farias Costa (AL) é poeta, editor de **A Ponte**.



Alfpio Raposo

POEMAS de JORGE COOPER

Sempre Branco

O amor de todo homem
é sempre branco
— Nunca como o figura
certa flor

Por mais doída que seja a saudade
é ela sempre azul
— (Azul como é toda distância)

Nunca roxa
lilás
ou mesmo branca
— Como sói figurá-la
aquela flor

Sei

Sei de uma estrela
que ainda não acendeu
Um sol oculto
Um deus que ainda não viveu
— Palavra morta
Sem sentido
(Sem sentido e morta
porque ainda não nasceu)

E sob o pano preto e esburacado da noite
da noite que o dia oculta
e que ainda sou eu
sei mais
(como não)
— sei que sou um homem sem umbigo
Como Adão

Algures

Não está o destino
nas linhas de nossas mãos
Contudo
lê minha mão

Não está o destino
nas pétalas da rosa-dos-ventos
Somente que suas pétalas
são espinho
(Como as da rosa-dos-ventos)

Abril

Era abril
quando seus lábios beijei
de então para cá
só em abril pensei
(Abril teria sido o sabor da primeira vez)

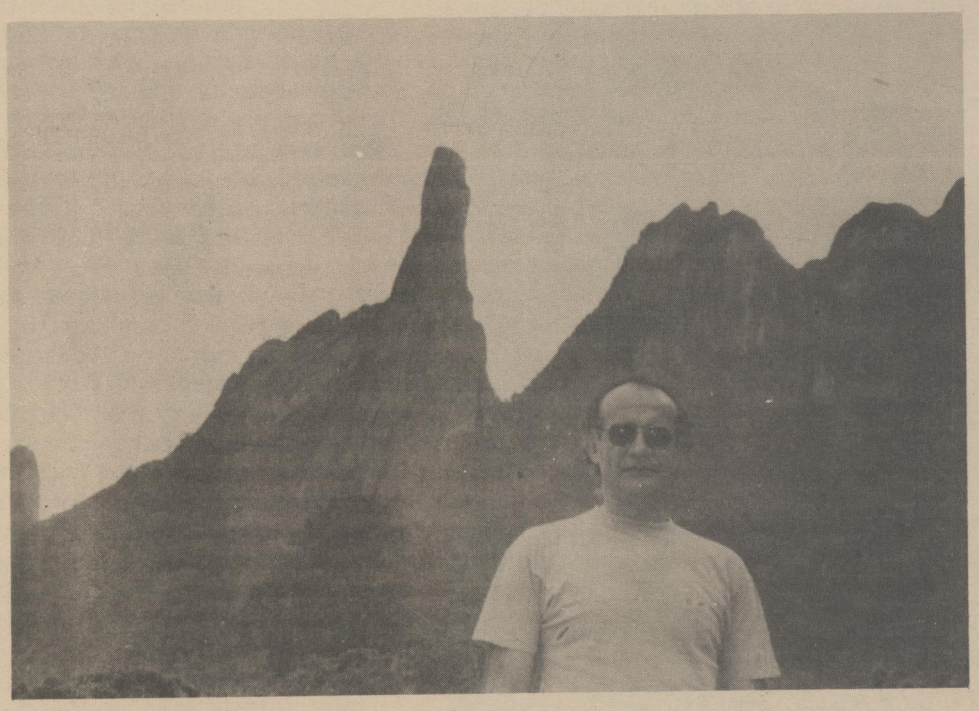
Muito depois
lendo A Vida das Abelhas
é que me apercebi
— Abril não é somente o sabor da primeira vez

Fuga

Para trás
vestígios de sua passagem
na terra fofa
Amanhã
ao sopro do terral
o seu rasto foi um dia
Sob as árvores
no chão
medalhas de luar prateiam a areia

Rasto que era uma vez
(Medalhas sempre haverá)

O Pós-Moderno por Luciano Zajdnajder



Luciano Zajdnajder, um estudioso do Pós-Moderno, filósofo e economista, poeta também. Coordenador e realizador do Projeto Pós-Moderno da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro. Em uma de suas vindas a Natal, convidado pela Fundação José Augusto, falou alguns dias sobre A Sociedade no Pós-Moderno para uma platéia de interessados em P.M. Ao jornal O Galo Luciano falou "informalmente" sobre o fim da Filosofia, Besteirol, "Liberdade Escrava", Sexualidade, New Age, Contracultura, Esquizofrenia... Eis aqui um pouco de tudo. (Depoimento a Marize Castro)

"A felicidade do homem pós-moderno está em que ele abandonou à busca da felicidade. Ter ilhas de alegria é uma invenção pós-moderna. Jamais um continente, mas ilhas. Essas ilhas são certos momentos em que o desencontro não é total, há um certo lugar comum, um certo ponto comum com outra pessoa. Ainda é possível alguma comemoração!

A Filosofia é um tema muito doloroso. As pessoas esperam muito da Filosofia. A Filosofia é o fim de uma possibilidade de juntar os conhecimentos, de ter uma orientação, porque a Filosofia é a herdeira da Teosofia, da Religião. Na verdade, o que eu chamo de fim da Filosofia, é o fim de uma grande orientação. Filosofias e conversas permanecem, mas talvez elas queiram filósofos grandes, que façam grandes discursos e localizem coisas para as pessoas. Isso eu acho difícil de aparecer de novo.

Àpesar deste "Fim da Filosofia", as faculdades continuam cheias de filósofos, como as igrejas continuam cheias de fiéis que vão lá rezar. Isso é uma coisa muito interessante do Pós-Moderno, porque o Pós-Moderno é um disfarce, ele não se apresenta cara-a-cara, ele se esconde. É um pouco da natureza dele. Ele é muito difícil. Eu costumo dizer que o Pós-Moderno é a forma cultural dos seres humanos sofisticados, e todos os seres humanos do planeta são atualmente sofisticados. Sofisticado é aquele que já percebeu que a maneira dele ser poderia ser diferente. Não tem mais aquilo do sujeito que pensa que o mundo é aquilo e só pode ser aquilo. A sofisticação é saber que as coisas podem se dar de maneira diferente. Isso não está ligado à insatisfação, é consequência da espécie humana ter passado por uma longa série onde ocorreram várias transformações. O homem olha para trás e vê toda a trajetória percorrida, não é que ele esteja no fim da série, mas ele está num ponto em que vê o conjunto de formas que ele tomou, que ele já foi egípcio, chinês, mesopotâmico, grego, medieval, moderno, vitoriano, existencialista, cubista... Isso é que dá sofisticação. Nesse sentido, todo ser humano é, um certo grau, sofisticado, por isso que o Pós-Moderno é a forma cultural do ser humano sofisticado, é por isso que se disfarça, porque não pode ser óbvio, senão será mais um elemento da série. Tem que ser uma forma em que você pega um elemento da série e adota esse elemento como se fosse mais um, no entanto você sabe que essa série já terminou. É fingir que o fim não terminou. Ele disfarça o não fim do fim.

O estudioso do Pós-Moderno é um detetive da cultura, ele fica olhando pra ver se a forma cultural é mesmo a forma cultural ou é mais um disfarce. É até uma certa maldade...

Então, o Pós-Moderno tem o lado de se esconder, não é que seja obrigação de alguém desvelar o Pós-Moderno, mostrar o Pós-Moderno, mas existe o princípio do mal-estar. Na verdade, o que caracteriza mais o Pós-Moderno não é a felicidade, mas é o mal-estar, porque é o período de transição, de quebra de eixos, as pessoas são atingidas e não sabe de onde e como são mexidas. É claro que tem as proteções: as proteções esotéricas, as proteções das seitas, as proteções das tribos, dos grupos. As pessoas estão muito nuas, é como se estivessem desprotegidas como um recém-nascido. **O rei tá nu.** Essa é que é a questão. As instituições, as linguagens, as teorias, as explicações... Tudo isso dançou bastante. O pensamento no sentido organizado, em que você tem certeza daquilo que você diz, ou como construir frases com sentido, também foi abalado.

O Besteirol tem no P.M o lugar dele, porém não é todo lugar. O besteirol não é ubíquo no Pós-Moderno. Ele tem o seu lugar criativo.

No Pós-Moderno todos os valores ficam aplastrados, não há mais honra, nem glória, nem honestidade, nem sinceridade. Como o Pós-Moderno se dá nesse momento que em o capitalismo toma conta de tudo, o grande valor é o dinheiro. É o grande valor! É a medida de tudo, infelizmente. O dinheiro como sinal de sucesso e o sucesso como sinal de ser. E quem é que escapa disso? Claro que escapa-se, não por nenhuma formação moral ou algum parafuso a menos. Mas que o dinheiro é um valor maior no P.M é. Sem dúvida. É de uma forma muito especial. O P.M se caracteriza também muito pela liberdade, quebrando tudo isso resta a liberdade. A loucura está aí. Porque é uma **liberdade escrava.** É e não é. É um paradoxo. Você tem uma tremenda liberdade, mas você pode entrar num circuito de consumo, num circuito de ganhar e gastar dinheiro, numa espécie de vórtice.

Essa transa com o consumo, com o dinheiro, com o investimento, é muito repetitivo. Torna-se enfadonho. Por exemplo, vamos falar da Xuxa, eu simpatizo com ela, é uma pessoa que tem muita energia, eu gosto da cara dela, mas ficar todo dia fazendo aquela chatice é uma tristeza, Uma pena! É uma loucura! Essa **liberdade escrava** que é a junção do dinheiro com a liberdade, para certas pessoas que caem em si, é desmascarada, então elas saem correndo. Porque não há criatividade, o potencial não é usado. A pergunta é: Por que fazer essa **presepada** toda? Pra ficar rico? É muito pouco. Na verdade, a Xuxa tem dois lados.

A Xuxa é uma encarnação de algum tipo de divindade bastante desenvolvida. É uma pena que ela é pouco focalizada de uma maneira contínua na televisão. Nunca há uma focalização de mais de alguns segundo na Xuxa. Ela tem o chacra do terceiro olho bastante desenvolvido. Não é por acaso esse envolvimento dela com as crianças. Mas é um envolvimento ambíguo, pois ela tem esse outro lado da produção de dinheiro. É a ligação com o sistema que torna a vida dela um inferno. **Eu acho a vida da Xuxa um inferno!** Esse é um ponto não obrigatório entre o Pós-Moderno e o capitalismo na sua forma avançada. O P.M. foi favorecido por essa forma atual do capitalismo, os dois não entram necessariamente em choque, um pega a energia do outro e vai à frente. Há uma reciprocidade. São dois raios de energia que se encontram e não se opõem. Só o futuro irá dizer se essas formas de energia vão ou não se entrechocar. Eu acho o capitalismo uma chatice, mas o socialismo que existe por aí é mais chato ainda.

O New Age é justamente o ponto de passagem entre a Contracultura e o Pós-Moderno. É um ponto intermediário. De alguma maneira há alguma coisa de New Age dentro do P.M. Porém o Pós-Moderno é maior que o New Age, porque o New Age é basicamente a comercialização daquilo que era de graça na Contracultura, ou seja, toda a parte esotérica. New Age é holístico, acha que tudo está em tudo. O Pós-Moderno é fragmentado. O Pós-Moderno acha que o holístico do New Age é mentira. Uma mentira comercial. Acho "O Tao da Física" uma picaretagem. O New Age é, sem dúvida, uma jogada comercial. No RJ aconteceu um **Shopping Center Esotérico.** Shopping Center e Esoterismo para "certos esotéricos" não formam nenhuma contradição. Realizaram esse Shopping e ainda ousaram colocar anúncios no jornal tipo "ainda há espaço aqui para você ganhar dinheiro. Uma grande picaretagem. Acho que por razões kármicas esses assuntos esotéricos devem ser transados na sua gratuidade, porque foram graças recebidas e devem ser graças repartidas. Essa é a parte da Nova Era dentro do Pós-Moderno. **A profissionalização do Esotérico.** A Contracultura não tinha nada disso. Era basicamente Paz e Amor. Gratuitos. Aprendíamos a meditar e aprendíamos as artes ocultas de graça. Até as drogas psicodélicas eram dadas.

Não existe nada central no Pós-Moderno. O dinheiro, mesmo sendo um valor grande, não é central. Na Contracultura o sexo era quase central. Fazer sexo na Contracultura era fazer uma revolução. No Pós-Moderno o sexo é uma, não é o principal. Para certas pessoas pode ser importante, certos momentos da vida pode ser importante, mas ele perdeu a centralidade. A psicanálise, por exemplo, colocou o sexo como uma coisa central. O desfazer-se da psicanálise é um dos sinais desse perda da centralidade do sexo. A AIDS, também, de alguma forma está ajudando nessa descentralização. Tem também outras coisas muito interessantes. A diferença entre homem e mulher fica muito reduzida e o sexo talvez perca em muitos casos o papel da forma de comunicação privilegiada **Homem X Mulher.**

A AIDS cortou os experimentos que estavam sendo feitos nesse terreno. Ajudou a essa perda de centralidade, porém acentuou marcantemente o homossexualismo feminino.

A Contracultura é uma das últimas manifestações do moderno. Ela se apresentou como **A Verdade,** como tendo a mensagem última da salvação da espécie, proclamando a principalidade do sexo. O Pós-Moderno desmistificou isso, essa principalidade, abriu para as outras formas de prazer. Uma frustração na Contracultura era uma pessoa descobrir que não gostava tanto de sexo como mandavam os dez mandamentos da época. Havia na Contracultura um certo terrorismo, um certo totalitarismo em torno do sexo. Foi benéfico terminar. Pena que terminou com o surgimento da Aids.

Também faz parte da Contracultura a antipsiquiatria, a extinção dos asilos, a abertura da separação entre o louco e o não louco. Isso acabou não dando muito certo. Na verdade, os asilos acabaram fechando novamente. A Esquizofrenia foi um pouco mais aceita, mas não se sabe ao certo se é uma doença biológica, psicológica. Na verdade, o Pós-Moderno, na medida em que aceita a fragmentação, vive a fragmentação. É talvez a primeira aceitação da esquizofrenia, na história da espécie humana. Talvez seja esta a época da história que a esquizofrenia poderá ganhar a sua legitimidade."

Desesperança

Luciano Zajdnajder

Dirão alguns que há uma secura insuportável em um mundo sem esperança. Importa, porém, entender o tipo de esperança que se foi. A grande Esperança é a de que as coisas finalmente se ajustem, os cacos sejam juntados, a justiça seja feita etc. Ou então, em grandes palavras: que o Reino de Deus se estabeleça entre nós.

Sem as grandes esperanças, restam as pequenas e estas são miríades. A vida pode então se apresentar como contendo uma multidão de pequenas esperanças. Terá sido valiosa esta troca? Se foi uma troca, não sabemos, porque o que se apresentava como a Esperança, dela só soubemos que dava um sentido maior a nossa existência. Agora, que aprendemos a viver sem este sentido maior — e mesmo sem qualquer sentido — a esperanaça parece dispensável.

Mas a inexistência da esperança não significa que estejamos entregues à desesperança. Este é um falso entendimento do espírito pós—moderno, que não veste as roupagens do desespero. Em lugar de uma desesperança, seria melhor falar em uma esperança neutra.

A esperança neutra não é nenhuma forma de desespero. Não se terá estabelecido no fundo de nós mesmos uma espécie de abismo, para onde somos lançados quando nossos projetos não obtem sucesso, ou quando algum tipo de fracasso manifesta-se. Até esta experiência do fracasso, da impossibilidade e da impotência parecem que se foram juntos com a grande esperança. Há na esperança neutra uma espécie de contínuo contentamento, porque se não há grandes ganhos, também não grandes perdas. Entretanto, isto não quer dizer que a vida se tenha tornado apenas uma medida de mediocridade. Não há com que medir a nossa vida, para atribuir-lhe ou não o tamanho da mediocridade.

Quer dizer que qualquer vida torna-se assim aceitável? Não há nada que possa julgar uma vida, falar de sua grandeza ou miséria? Há sim: aquele contentamento obrigatório a que se referia Spinoza. Apenas Spinoza possuia todo um grande sistema sustentado por Deus para justificar o seu sentir. Agora, a ausência total desta base, coloca-nos exatamente no mesmo plano.

E as lágrimas? Não haverá mais motivos para chorar? É claro que as perdas prosseguirão, as separações, os equívocos, as culpas e os remorsos. Porque o mundo não se tornou obviamente transparente nem perfeito. Mas será um choro diferente, que não se dá em mundo em que nas lágrimas afirmava-se que tinha de ser diverso. Não mais um choro enraivecido.

A esperança neutra significa que não se abriu mão completamente da esperança. Assim, não se deixam as coisas como estão, sem qualquer idéia de melhorá-las. De fato, é uma esperança que deixou de ser ingênua e sabe o quanto é difícil realizar determinadas mudanças e o quanto é impossível mexer no fundamental. Porque se sabe que o fundamental não existe e o que se apresenta como fundamental é especialmente falso.

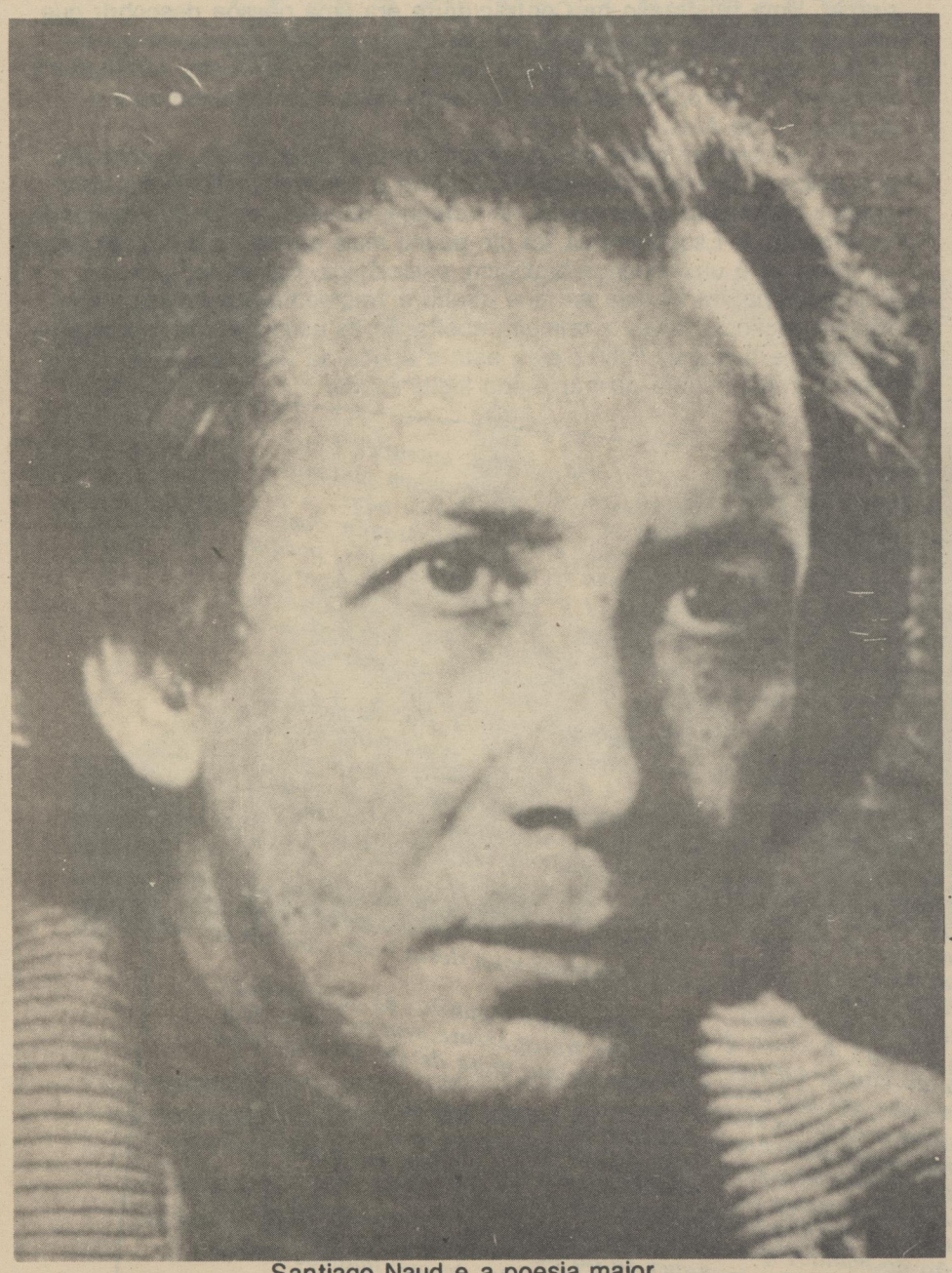
A esperança neutra é uma espécie de aceitação do mundo, que não é nem conservadora nem passiva. É uma aceitação estética, na forma de uma receptividade, que não encontra qualquer razão para negar o que está aí, mesmo que não haja ou não se encontre razão para tal. E isto vale mesmo para as catástrofes, de que falamos tantas vezes.

Uma espécie de aceitação, porque há várias e é preciso distinguí-las. Não é uma aceitação resignada, que admite o que existe porque não poderia ser de outro modo. É uma aceitação contente porque vezes seguidas percebe que nas dobras do mundo encontram-se surpresas inimagináveis. No entanto não se espera a surpresa das surpresas, uma espécie de chave do mundo que nos abriria de uma vez por todas os seus segredos.

Tentemos definir o que nos diz esta esperança neutra em termos daquilo que podemos esperar. Seria um equívoco estabelecer limites e possibilidades. Mas é possível dizer alguma coisa, a partir das presentes experiências, que certamente poderão modificar-se.

Quem é Santiago Naud?

Tito Iglesias



Arquivo

Santiago Naud e a poesia maior

Este poeta brasileiro de sobrenome francês, José Santiago Naud (leia-se Node), nasceu em Santiago, na região missioneira do Rio Grande do Sul, cidade de ressonâncias espanholas e místicas, cujo nome de apóstolo teria originado seu nome civil, sendo uma de suas avós índia guarani (Brônzea maravilha para aquele que alinhava estas notas, europeu há muitas gerações, mas com longínquo e orgulhoso sangue índio das Américas Espanholas, tamborilando-lhe nas veias!).

Professor licenciado em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e ex-diretor do Instituto Estadual do Livro, de Porto Alegre; antigo professor da CASEB, em Brasília; e funcionário da Fundação Cultural do Distrito Federal (que bom clima ali existia quando nela gargalhava o dr. Carlos Mathias, simbiose de intelectual e de homem de sociedade, civilizadíssimo!), Naud tornou-se, igualmente, professor visitante da Universidade de Yale, nos E.U.A., e conferencista em prestigiosas universidades norte-americanas.

Ex-bolsista da importante Fundação Calouste Gulbenkian, de Portugal — cuja administração foi sempre valorizada por vários intelectuais, como o dr. José Cordeiro Blanco, um administrador-esteta, e poeta de primeira linha portuguesa, como Pedro Tamem — e também da Fundação Fulbrignt, nos Estados Unidos.

Empreendeu Santiago Naud diversas viagens de estudo, pela Europa, onde proferiu conferências em várias das suas mais notáveis universidades.

No Itamaraty, do qual se desvinculou para regressar ao Brasil, assumiu a direção do Centro de Estudos Brasileiros, sucessivamente na Bolívia, Argentina, Paraguai e no México.

Empreendeu longas viagens de estudo a Portugal, Espanha, França, Itália (país que, como seria previsível e inevitável, o impressionou profundamente), bem como visitou a Iugoslávia, a Áustria e a Chescoslováquia, (ai que saudades comuns nutrimos ambos por Praga!)

Não obstante toda esta trajetória turbulenta, José Santiago Naud não se considera um nômade, mas apenas um poeta da América Latina. Embora alguns dos seus maiores êxitos tenham sido logrados fora dele!

Por exemplo, um de seus livros, publicado no exterior ("Conhecimento a Oeste" pela exigente editora Moraes, de Lisboa, esgotou-se, em Portugal em três semanas! Editora dirigida, então, pela dupla constituída pelo escritor muito inteligente Alçada Baptista e pelo original poeta Pedro Támem.

Da sua vivência mexicana esculpiu e forjou "Pedra Asteca", livro bilíngüe que escreveu em apenas um mês, após a peregrinação (impulsos do seu nome Santíago e do seu sangue índio...) que empreendeu da Cidade do México até uma ilha tornada famosa por aquela cultura, hoje desaparecida devido à secagem dos lagos em torno da cidade.

Caracteriza-se, muito sinteticamente, Santiago Naud pela sua intensa vida intelectual, no âmago da qual, como numa gruta, se ilumina e tremula a devoção a Nossa Senhora, a qual amalgama as várias Virgens Negras (entre elas a de Chartres, queimada pela irracional fúria do povão, durante a revolução francesa); Nossa Senhora da Aparecida, bem como a morena e mexicana Nuestra Señora de Guadalupe, correndo paralela a uma contínua vida amorosa, por vezes cifrada, como exemplo ficamos na inventividade patente no formosíssimo poema reproduzido neste número, em que evoca a planta pervinca, como se tratasse de um ser feminino.

Portanto, usufrui "O Galo" do júbilo de fazer ecoar, pelo Brasil inteiro, um magnífico poema gaúcho dos vinte anos de Santiago Naud, inspirado por Emily Brontë, como um esplendoroso cacho de poemas recentíssimos — todos eles polidos pela mais alta qualidade que Santiago, a meu pedido, remeteu com aquela sua tocante candura, raríssima em outros intelectuais e poetas.

Alguns destes magníficos trabalhos, que cintilarão na plumagem de "O Galo", constituem uma antecipação ao livro que o referido poeta rio-grandense-do-sul publicará no Rio de Janeiro: "O Olho Reversos" (sete poemas e um falso HAI-CAI).

Quase todos os referidos, agora iluminados pelo presente feixe de luz deste jornal potiguar, constarão, também, da breve edição, próxima do prelo, das suas obras completas ("Fábrica de Ritos — 33 anos de poesia".).

Relutante às fotografias, apesar de sua pulcra cabeça de poeta que não envelhece, fomos compelidos, para poder ilustrar estas notas, e acompanhar estes versos antológicos — a extrair a foto do vate, que reproduzimos, da bela capa do seu livro "Noção de Dia".

Da mais andina e esplendorosa qualidade, o escultural poema "Estela Huaxteca" (adjetivo não dicionarizado pelo mestre Aurélio de uma cultura do México central), versos que igualmente reproduzimos, bem como o imaginativo soneto que poderia haver sido incluido na "Antologia dos sonetos da Língua Portuguesa", de Grünwald:

"Gente morena e o rei decapitado,
Com a cabeça guardada
no antebraço"

Mas "O Galo", vem antologiar, com freqüência, aquilo que a miopia crítica deixa de debitar no amplo espaço literário.

Tito Iglesias é poeta, espanhol, reside há alguns anos no Brasil.

ESTELA HUAXTECA

A matemática
das grandes extensões,
ilimitada
veio parar ali.
Residência
do claro, claridade
ancorada em pedra
e o hálito sem pompa do deserto
na memória.
Lisa,
como se a água parasse de repente
e o pescoço do mistério
ainda tentasse modelar a palavra
interdita,
impronunciado
o vento desses páramos,
antes cheios de gente
e agora
voz suspensa
do silêncio metido entre as imagens
sumidas, feitas pó
ao sabor de coincidências egípcias,
nos seus reflexos sombrios.
Uma rosa de areia cresce ali
com cheiro de caliça, e no rosto
codifica em cal e canto
a máscara do tempo,
pelos traços delidos
ri-se um deus,
as lembranças da face
entretecida nos fios da extinção,
e o sorriso
aberto
nas vastas extensões
incide o seu contorno
como um selo.
Aqui ficou,
entre o jogo
e o sol, medida sem dimensão
do resplendor
ou muda serenidade do fragor.
Sua vida
prolifera nos escombros da morte,
à brancura da pedra
um grão
rosado, moldado de fervor
noutra imagem
talvez.
E apenas prenuncia
o que dura calado
suavemente
e perdura veloz
a dureza desfeita desta pedra
refletindo o profundo espanto
dos seus òlhos vazios.

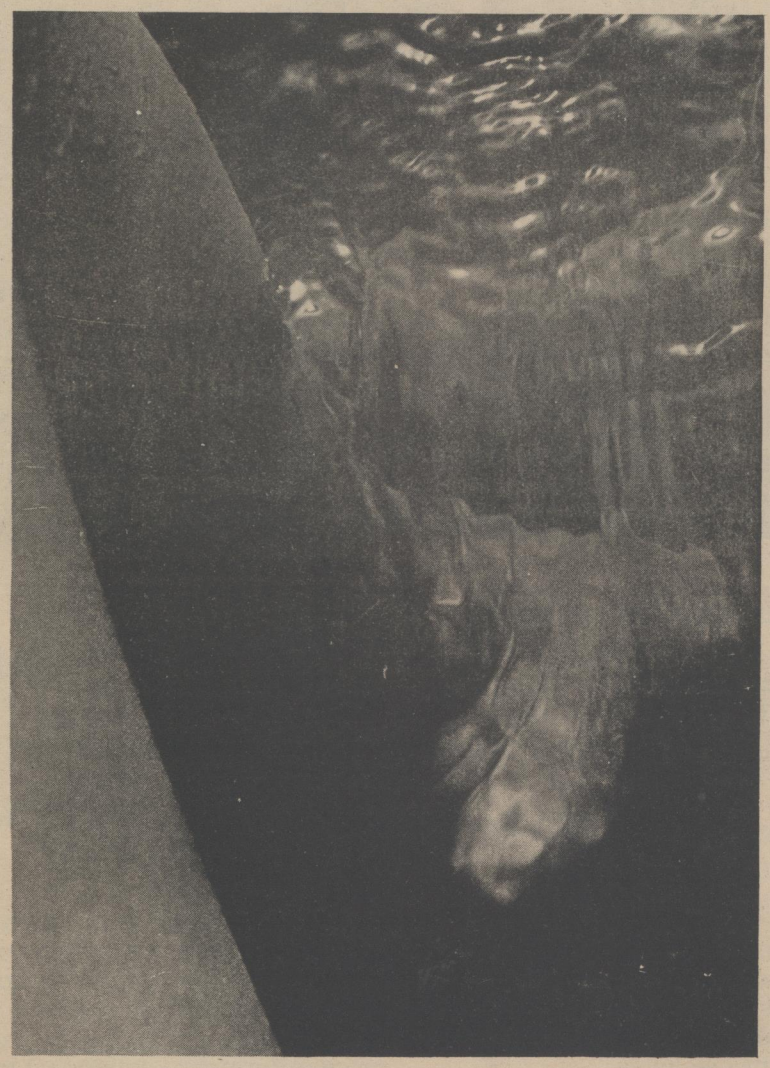


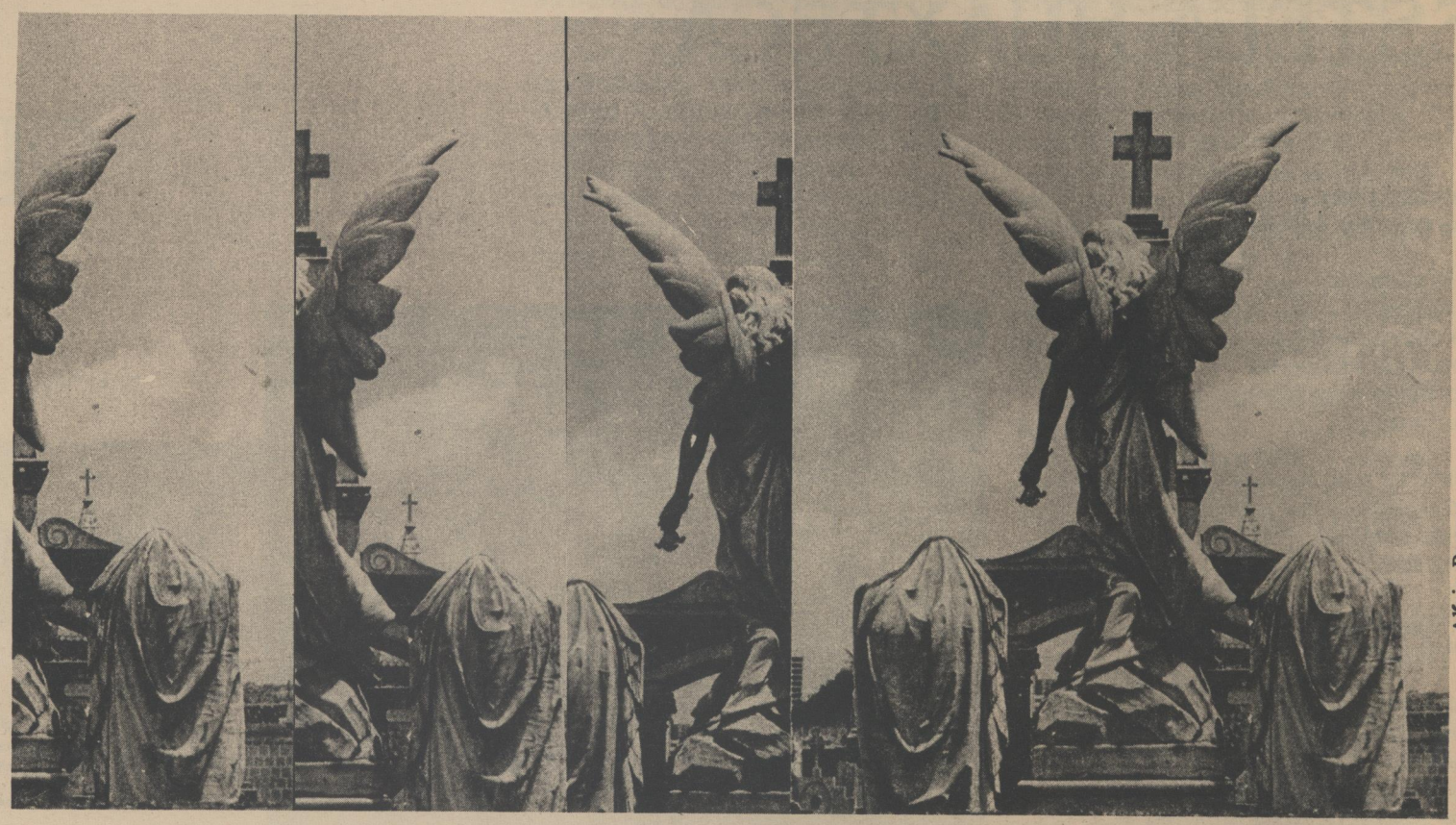
Foto: Lenice

2 Poemas de José Santiago Naud

Poema

Pervinca, o teu corpo
circundado de pervincas,
a palavra
pérvia
que não sei
sustenta a pérgula onde detém-se
tudo quanto te qualifica
obscuramente.
Teu corpo de pervinca,
prévia
constelação do que te constela
assim, entre a coma dos cachos
e as unhas dos pés.
Toda
te ofertas, e inteira
abres a fonte do incontido prazer,
aquela sensação
retida na adivinhança
do que podes oferecer,
e a espera
entre o que adivinho
e a oferta, afinal acabada,
que me troca em ti
o troco do que a tua moeda
identifica em mim
como cara e coroa
de redondez metálica.

"Pedimos à arte o segredo da mudança..."



Alípio Raposo

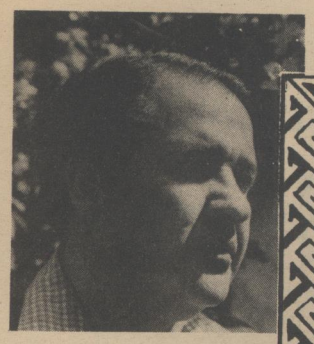
Tradução de um fragmento de Octavio Paz. O grande bruxo revela aqui o "arcanum". A verdade pode estar sendo anunciada neste preciso momento por um arco-íris. Ou estará trancafiada numa semente de aço, enquanto os executivos do óbvio passam ao largo. E por fora.

Eládio Barbosa

O específico da magia consiste em conceber o universo como um todo no qual as partes estão unidas por uma corrente de secreta simpatia. O todo está animado e cada parte está em comunicação viva com este todo. Ou para dizê-lo com a fórmula dos estóicos: Sympátheia tôn hóln. Daí que o objeto mágico cubra-se ou se desnude ante nossos olhos, oferecendo-se como **o nunca visto e o já visto.** Tudo tem afã de sair de si mesmo e transformar-se em seu próximo ou em seu contrário: esta cadeira pode converter-se em árvore, a árvore em pássaro, o pássaro em moça, a moça em grão de romã que outro pássaro bica no pátio de um palácio persa. O objeto mágico abre diante de nós seu abismo relampejante: **convida-nos a mudar e a ser outros sem deixar de ser nós mesmos.** O interesse moderno pela "arte mágica" não expressa uma nova curiosidade estética, mas tem raízes bastante mais fundas: sabemos que nosso ser é sempre sede de ser "outro" e que só seremos nós mesmos se somos capazes de ser outro. Pedimos à arte o segredo da mudança e buscamos em toda obra, quaisquer que sejam sua época e seu estilo, esse poder de metamorfose que constitui a essência do ato mágico. É evidente que ninguém propõe voltar às práticas mágicas de nossos antepassados (ainda que já não é possível considerá-las como meras e estúpidas superstições). Porém a magia — ou mais exatamente: a concepção do mundo como uma vasta **society of life,** da qual arrancam magia, poesia, mito, filosofia e ciência — é algo sempre presente na consciência dos homens, ao ponto de confundir-se com seu ser mesmo. Sobre esta visão do homem e da natureza edificaram-se os sistemas da filosofia, os dogmas das religiões e as teorias da ciência. Uma vez ou outra esses edifícios desmoronaram-se, porém sempre deixaram intacto este sentimento original. Sem dúvida, a maneira própria de ser do homem — sua maneira mais imediata, original e antiga — é sentir-se a si mesmo como parte de um todo vivo. E isto se faz patente nas duas notas extremas de nossas possibilidades vitais: solidão e comunhão. Com efeito, quer nos sintamos separados, desarraigados, arrojados ao mundo, quer nos instalemos em seu centro com a naturalidade do que regressa à sua casa, nosso sentimento fundamental é o de formar parte de um todo. Em nosso tempo a nota predominante é a solidão. O homem sente-se cortado do fluir da vida: e para compensar esta sensação de orfandade e mutilação recorre a toda classe de sucedâneos; religiões políticas, embrutecedoras diversões coletivas, promiscuidade sexual, guerra total, suicídio em massa, etc. O caráter impessoal e destrutivo de nossa civilização acentua-se à medida que o sentimento de solidão cresce nas almas. "Quando morrem os deuses", dizia Novalis, "nascem os fantasmas". Nossos fantasmas encarnaram em divindades abstratas e ferozes: instituições policialescas, partidos políticos, chefes sem rosto. Nestas circunstâncias, voltar à magia não quer dizer restaurar os ritos da fertilidade ou dançar em coro para atrair a chuva, mas sim usar de novo os poderes de exorcismo da vida: restabelecer nosso contato com o todo e tornar erótica, elétrica, nossa relação com o mundo. **Tocar com o pensamento e pensar com o corpo.** Abrir as comportas, recobrar a unidade. Assimilar, em suma, a antiga e ainda viva concepção do universo como uma ordem amorosa de correspondências e não como uma cega cadeia de causas e efeitos. Assumir a realidade da magia não inclui aceitar a realidade dos fantasmas da magia, mas sim voltar aos seus princípios, que são a origem mesma do homem.

OCTAVIO PAZ. **La Busqueda del Comienzo; escritos sobre el Surrealismo,** Madrid, Espiral, 1983, p. 49-51.

Eládio Barbosa (RN) é poeta, professor do Departamento de Educação da UFRN.



CADERNO DO VENTO

Carlos Nejar

Alípio Raposo

A POÉTICA DO ATRITO

A Geração de 45 é vincada por dois extremos: João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo.

João começa um novo sotaque na poesia brasileira, que o avizinha de Berceo e Marianne Moore — onde a lucidez e o aparente prosaico o levam, regente.

Com razão, Eduardo Portella percebeu no verso cabralino a influência da gesta espanhola **(Mio Cid)**. Mas com acento nordestino e universal.

Quem ler **A Morte e Vida Severina, O Cão sem Plumas, O Rio** e mesmo, **Uma faca só lâmina,** encontrará sua alta poesia.

João Cabral é uma fronteira e também um paradigma da **Geração de 45,** não apenas cronologicamente, apesar de sua constante recusa.

É a poética do atrito. Gera assonâncias e dissonâncias até o núcleo. Ondeia aos círculos, deslizando em pedras-palavras, como se cambaio fosse. Ou tivesse o seu verso o andar de cabra. O que é "o ouvido que entortou", em Carlos Drummond, é a torta perna do verso, em Cabral. Outros, primam pela metáfora; ele, pela comparação.

É inimitável, com raros antepassados na poesia de língua portuguesa (Augusto dos Anjos, na brasileira e Cesário Verde e algo de Pessoa, na lusitana), sendo seu próprio sucessor. Mas tende a ser tão técnico na técnica, tão domínio acabado do elemento verbal e consoante, que mais do que escrito com o corpo, o seu poema se escreve com o sol rarefeito do deserto.

Cabral é o seu deserto (e deste nosso tempo): Stravinsky a compor a sagração — não da primavera — mas do deserto.

Por ter dado vazão à liberdade criadora (que nasce do intervalo entre consciente e inconsciente) e à voz de um povo (o nordestino), **A Morte e Vida Severina** tem a marca da obra-prima, o que Jorge Luis Borges denominava "clássico", e onde cada geração pode rever-se.

O Auto do Frade, porém, sob o sol da razão excessiva ficou um esboço do livro que merecia ter sido. É um fragmento admirável, com versos lapidares:

> "Talvez seja só um enterro
> em que o morto caminharia,
> que não vai entre seis tábuas
> mas entre seis carabinas". (...)
>
> "Dizem que ele é perigo mesmo
> falando em frutas, passarinhos". (...)
>
> "Se já está do lado da morte
> nada o reterá deste lado".

Mas é um fragmento. A história de Frei Caneca resta aquém de seu sonho.

A falta de busca do absoluto na poesia cabralina, delineia o limite. E a urgência de ir descascando a forma até o miolo, até o íntimo recesso, é a mesma com que se vai, dialeticamente, decompondo e compondo, dentro da máscara — a dita e penosa objetividade.

João Cabral é talvez o maior artista do verso, em nossa língua, o que melhor sabe trabalhar a palavra sem arestas ou tréguas, como se fundisse o bronze. Mas nem sempre a poesia maior, em igual nível o acompanha **(Museu de Tudo, Crime na Calle Relator),** com o equilíbrio que se depara na obra drummondiana, em regra.

Seu mais valioso movimento tangencia a pergunta: "É difícil defender,/só com palavras a vida,/ainda mais quando ela é/esta que vê, severina".

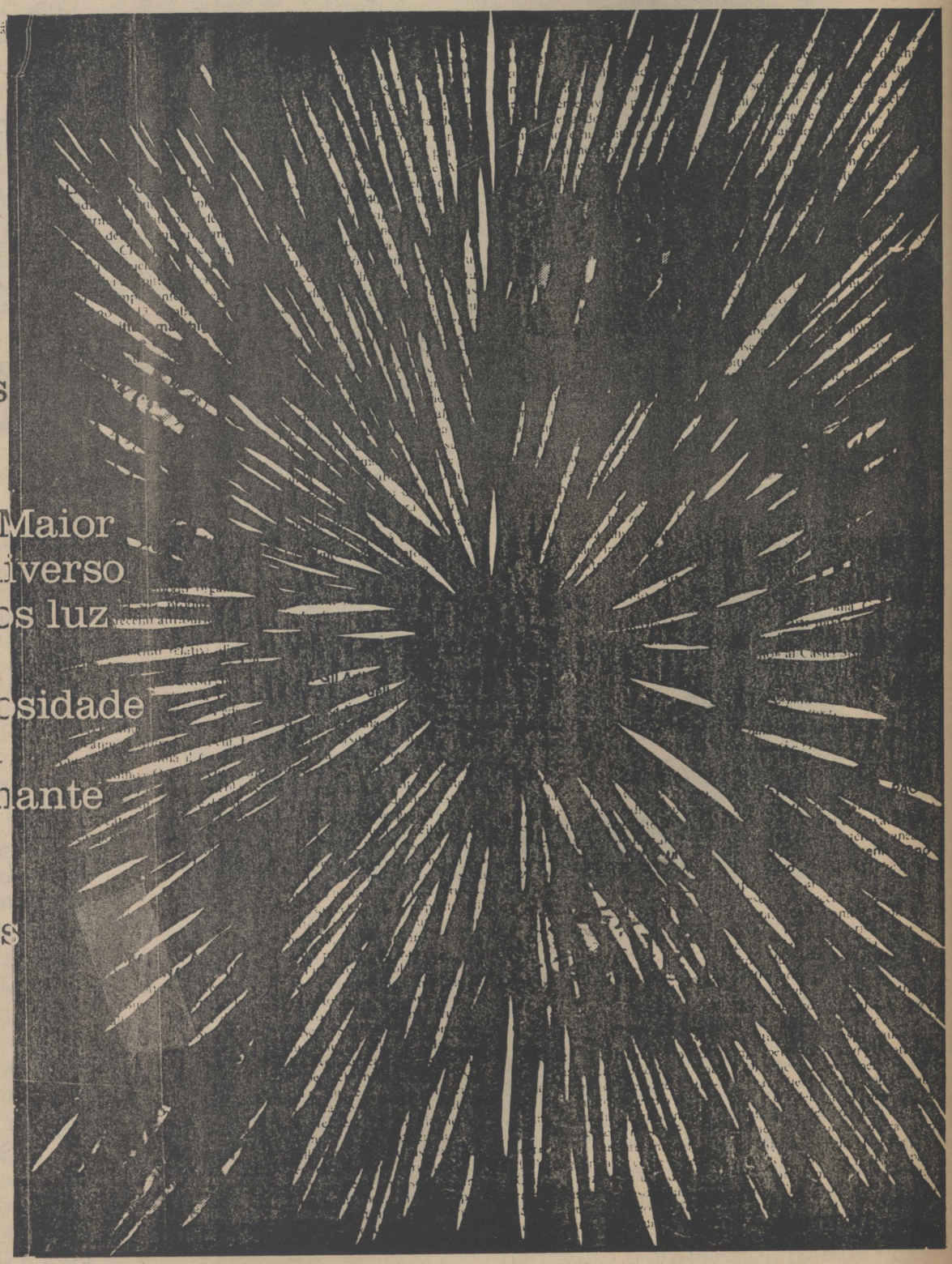
Essa consciência é o início da mudança. Porque a vida é maior do que o deserto.

AS DESCOBERTAS DE MAARTES SCHIMIDT

Diógenes da Cunha Lima

O especialista em quasares
Maartes Schimidt
No Monte Palomar
Com telescópio Hale
E câmera de James Gunn
— Descendente do homo habilis
Descobriu que o quasar
De corpo quase estelar
Abaixo da constelação da Ursa Maior
É o objeto mais luminoso do universo
E dista de nós 14 bilhões de anos luz
Descobriu ainda
Outro objeto de solitária luminosidade
Também não sensível a olho nu
O desconsolado amor de sua amante
Moradora em Palomar Road
Sobre planeta da estrela sol
Uma das cem bilhões de estrelas
Da galáxia leite
Na teoria da cosmologia.

Vibrazioni tattili. Michele Perfetti.



Diogenes da Cunha Lima (RN) é poeta, presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras.

CARTAS

DELICADEZA E FORÇA

Olá Marize, um abraço paulista para você e toda sua equipe de "O Galo". Em minhas mãos o nº 19, todo cheio de "olhares". Lindo!

O editorial falando sobre Cora Coralina, não poderia ter sido mais belo!

O Galo é um jornal de uma simplicidade marcante e forte. É aquela "presença" que chega para ficar. Que se pode dizer de "O amor é doce" de sua autoria? Adorei tanta beleza, delicadeza e força! E assim a gente vai notando que se fosse para citar detalhes do jornal, precisaria passar página por página, para não esquecer nenhum valor. No mais, Marize, só posso lhe desejar os melhores momentos toda vez que "nasce" O Galo. É, ao que me parece um parto sublime.

E como se não bastasse, vem a Cora Coralina, no final dizer que andou "A Procura" de tudo nos caminhos da vida. Feliz, a centenária poeta, encontrou o seu (dela) caminho.

À você, o meu carinho. Aos seus companheiros de equipe, meus cumprimentos, com admiração.

Mercedes S. N. Vasconcellos
São Paulo — SP

EM DEFESA DA CULTURA

Marize Castro, desejamos uma entidade com a participação do Escritor em defesa da cultura e crítica em relação à situação do Homem brasileiro na década que se inicia. Desejamos a você e a equipe do Jornal O Galo muito sucesso. Aqui em São Paulo estamos torcendo para que esta valiosa publicação continue por muitos números.

Roberto Luiz dos Santos
Presidente da União Brasileira de Escritores de São Paulo
São Paulo — São Paulo

ABRAÇO DE PERRINI

Prezada Marize Castro, quero abraçá-la carinhosamente, pelo recebimento do prêmio MÉRITO CULTURAL da União Brasileira de Escritores. O trabalho coordenado por você é lindo.

Edival Perrini
Poeta
Curitiba — PR

PARABÉNS A FRANCISCO IVAN

Estou acusando o recebimento dos números (17 e 18) do magnífico "O Galo".

Belíssimo o artigo "Na Contemplação de Kells: A Arte do Livro". Quero aproveitar para parabenizar o professor Francisco Ivan, autor do artigo, por este trabalho. Outra matéria que chamou bastante atenção foi "Arte-Educação como Disciplina, da diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, Ana Mae Tavares Barbosa. Encontrei no número 18 o inesquecível Chico Antônio, "Há Oitenta Anos Na Tal Futurista", veio trazer o sopro comovente de uma época marcada de vanguardas e modernismos. Salve, portanto o brilhante Jornal O Galo. Um fraternal abraço.

Danilo Giuberti
Poeta
Dom Pedro — Maranhão

SEM O RANÇO BAIRRISTA

Belíssimo o nº 19 que me foi enviado. Parabéns e muito obrigado pelo envio. Fico feliz em poder ler um jornal nordestino sem o ranço bairrista, sem aquela fachada de pobreza, de seca, submissão...

Fico feliz com O Galo cantando alto, de crista levantada, antenado com os novos nomes. Avante galera do Galo. "Tá lento é preciso movimentar o movimento".

José Carlos de Souza
Santo Antônio de Jesus — Bahia

LINHA DE FRENTE

É com satisfação que o Clube dos Escritores de Ipatinga (Clesi) vê o objeto cultural pulsar forte no Rio Grande do Norte, melhor ainda quando patrocinado pelo poder público, que demonstra assim respeito com o ser humano.

Nós, do Clesi, entramos no quinto ano de existência e desde o primeiro ano realizamos o Festival Estadual de Poesia. Como vocês nos encontramos na linha de frente de defesa da cultura, nessa cidade feita de aço. Parabéns e Feliz Ano Novo.

João B. Trevenzolli
Presidente do Clube de Escritores de Ipatinga
Ipatinga — Minas Gerais

O GALO EM MINAS

O Galo torna a cantar aqui por Minas e cada vez mais alto, em novos tons, emendando aos poucos demais da espécie por este país afora. Variada, e agora colorida plumagem, O Galo canta, que, afinal, papel de Galo, dos principais, é espalhar novas.

Meus parabéns.

Paschoal Motta
Secretário do Suplemento Literário de Minas Gerais
Belo Horizonte — Minas Gerais

POLEIRO CULTURAL

Acuso o recebimento do jornal O Galo nºs 19 e 20, muitíssimo obrigado. Esse jornal é um poleiro cultural. O canto desse "Galo" está despertando do Oiapoque ao Chuí. O Galo é mais um veículo que mostra ao Brasil que o Nordeste em si é cultura, que a arte transpira pelos poros de cada nordestino. Valeu, valeu mesmo!

Hélio Costa
Poeta e editor
Porto Velho

RESPIRA-SE

Tenho recebido O Galo. Bom ver vocês batalhando e fazendo um belo jornal cultural. Respira-se. Uma crise nos apanha em cheio. Importante: estar vivo e criar.

Ignácio de Loyola Brandão
Escritor
São Paulo — São Paulo

JEAN ARISTEGUIETA ESCREVE

Marize Castro, distinguida amiga, le agradezco mucho el envío de "O Galo" que usted edita. A pesar de que no entiendo a fondo el portugués, lo he leído con gran dedicacíon. "O Galo" es un testimonio admirable, desde la distribuición gratuita hasta le contenido tan selecto.

La poesía de Ana Cristina César me ha interessado profundamente. Proximamente reproduciré "Atrás dos olhos das meninas sérias" em mi suplemento ARBOL DE FUEGO. Sería posible recibir algún libro de Ana C.?

Muy valioso todo de usted que aparece em "O Galo": el editorial, magnífico, "Una cidade clara", muy hermoso texto así como la entrevista al poeta Carlos Nejar. Me agradará incluir un poema de usted em ARBOL DE FUEGO.

Anexo a la presente un libro mío. Mis fervientes felicitaciones, Marize, por su obra de cultura total. Siempre en la poesía, afectuosamente su amiga.

Jean Aristeguieta
Poeta/Editora do Suplemento ARBOL DE FUEGO
Caracas — Venezuela

MOTIVO DE JÚBILO

Receber O Galo é motivo de júbilo. E como o jornal está bem feito! Parabéns especiais pelo número 20. Ótimas matérias. Destaque para "Antonio Callado, um ser humano e íntegro", Ana Cristina César, Socorro Trindad, Marize Castro e também para o tratamento gráfico do jornal (de muito bom gosto) como, por exemplo, a última página, cuja a foto por si só já é um poema. Obrigado pelo que vocês (que fazem O Galo) acrescentam ao meu espírito cada vez que me enviam o seu jornal.

Roberto Fontes Gomes
São Paulo — SP

34 LETRAS AGRADECE

Cara Marize Castro, esta carta tem por objetivo agradecer, imensamente, a resenha publicada pel'O Galo sobre nosso número duplo 5/6. Ficou ótima, restando-me apenas ficar feliz pelos elogios assim como concordar inteiramente com as críticas feitas, necessárias que são para que continuemos a ter um trabalho ativo e consciente. Novamente, muito obrigado. Cordialmente.

José Guilherme Quental
Editor da Revista 34 Letras
Rio de Janeiro — RJ

NOVOS CAMINHOS

Tenho recebido regularmente exemplares de "O Galo" e sinto-me feliz em saber que ainda nos resta a madrugada como prenúncio de luz e amanhecer, do ressurgir, do despontar para novos caminhos, onde O Galo canta e aviva dentro de nós a esperança de que alguma coisa boa aconteça nesse resistente país, como é o caso dessa excelente revista cultural.

Gláucia Guerra de Oliveira
Poeta
Cruz das Almas — Bahia

TEXTO DE POESIA, AMOR E PAIXÃO

Jornalista Marize Castro, acuso recebimento do Jornal "O GALO", órgão cultural da Fundação José Augusto do Rio Grande do Norte, edição nº 20, de outubro de 1989.

Parabenizo Vossa Senhoria pela excelente reportagem com o poeta gaúcho de nascimento e atualmente radicado no Espírito Santo, Carlos Nejar. Um texto impregnado de poesia, amor e paixão. Parabéns.

Marien Calixte
Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo
Vitória — Espírito Santo

O GALO CONTA

Arquivo

COLAGENS, CHARGES, PINTURAS

De Paris, o artista plástico pernambucano Sergio Bello nos manda o nº de maio/89 da revista francesa "Demeures & Chateaux", que dedica algumas páginas à obra do escultor barroco brasileiro o Aleijadinho, com artigo do próprio Sergic Bello, e um resumo (ilustrações) da pesquisa plástica que Sérgio Bello fez em pintura a partir da obra escultórica do Aleijadinho. A pesquisa do artista bastante conhecido na Europa, e sua pesquisa sobre o Aleijadinho ("Remake/Aleijadinho") foi mostrada em exposição na Alemanha durante os meses de novembro/dezembro/88.

De 07 a 21 de novembro passado, na Casa de Arte Brasileira, em Campinas (SP) houve a exposição de pinturas primitivistas da pintora Wilma Ramos. Para o crítico de arte Roberto Perez (do jornal Cidade de Santos), no trabalho de Wilma Ramos "as imagens surgem das festas populares, também das crenças e até do imaginário".

De 24 a 30 de novembro, realizou-se na Galeria de Arte da Biblioteca Pública "Câmara Cascudo" a exposição "Guerra à Guerra", exposição internacional de humor, promoção conjunta da Embaixada da Bulgária, Governo do Estado do Rio Grande do Norte através da Fundação José Augusto, e Prefeitura Municipal de Natal através da Secretaria Municipal de Cultura. Idealizada pela Agência SOFIA PRESS, a exposição GUERRA A GUERRA contou com a participação de 33 caricaturistas do mundo inteiro, através de reproduções fotográficas de suas obras. Em Natal, esta exposição integrou o projeto do ciclo natalino iniciado com a festa da padroeira em 21 de novembro e foi uma homenagem aos artistas de todo o mundo, que com sua inteligência e mordacidade crítica, fazem a História através da caricatura.

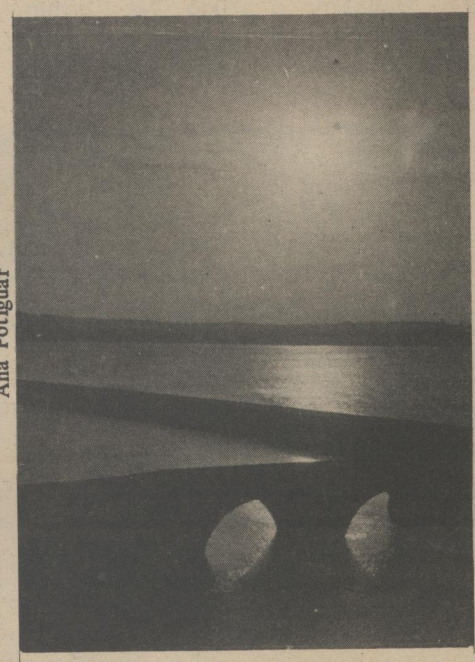
De 22 a 25 de novembro/89, na Galeria do Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, em Brasília (DF), foi mostrada a exposição de colagens "Velhas Estampas", onde o desenhista Zéllo Visconti homenageia a memória de Tia Amélia, que nos anos 50 era a apresentadora de um programa de TV chamado "Velhas Estampas."

SOS AUTOR BRASILEIRO

A Editora ATENIENSE, de São Paulo (SP), foi cadastrada no Ministério da Cultura, podendo, portanto, se beneficiar da Lei Sarney. Está distribuindo um **folder**, sob o título acima ("SOS Autor Brasileiro"), dizendo entre outras coisas o seguinte: "Nós, da Editora ATENIENSE, somos pessoas apaixonadas. Publicar, divulgar e distribuir livros é nossa forma de fazer fluir essa paixão, essa ânsia de lutar, de ver seus livros editados e nossos títulos no mercado livreiro. O autor, com muita razão, recebe com desconfiança nossa honestidade e nossa franqueza; a atenção e o carinho que dispensamos o deixa surpreso, mas, assim mesmo, continuamos falando de esperança e de alternativas para o mundo perplexo e vazio do AUTOR BRASILEIRO, porque acreditamos no que fazemos e vamos continuar lutando. (...) Quando você, autor, se sentir perdido, sem saber o que fazer com seus originais ou percebendo que seu livro publicado está caindo no esquecimento, não se acanhe, ligue para nós: EDITORA ATENIENSE LTDA. /CEP 03089 - Rua Antônio de Barros, 534 - Tatuapé - São Paulo - Fone: 295 — 4520".

SEMINÁRIO DE SEMIÓTICA

Em promoção da Fundação Artístico Cultural Manuel Bandeira — FACMA, realizou-se de 22 a 25 de novembro, em Campina Grande, PB, o IX Seminário Internacional de Semiótica e Literatura. O evento contou com a participação principal do Prof. Dr. Salvato Trigo, de Porto (Portugal), que iniciou o seminário, no dia 22, focalizando o tema SEMIÓTICA PARA ENSINO DE 1º E 2º GRAUS. Nos dias seguintes, o professor português continuou pronunciando aulas sobre o assunto, havendo também comunicações livres de outros participantes. No dia 23, a comunicação foi feita pelo Prof. Milton Marques Júnior, da Universidade Federal da Paraíba (Campus I), e no dia 24 a comunicação foi feita pelo escritor Antonio Callado ("Assunção de Salviano", "Quarup", "Bar Dom Juan"), que no dia 25 concedeu entrevista coletiva. No contexto do Seminário, houve também momentos artísticos. Agradecemos a Estelita Cardoso de Castro, Presidente da FACMA, o envio de Ofício Circular comunicando a realização do Seminário.



Ana Potiguar

CORREÇÃO

Na estréia do poeta Carlos Nejar neste jornal, como colunista, ilustramos Caderno do Vento com uma bela fotografia da Ana Potiguar, equivocadamente atribuímos esta foto ao fotográfo Jorge Mário. Pedimos nossas desculpas a Ana, esta artista que faz da fotografia sua forma maior de expressão.

Arquivo

MULHERES EMERGENTES

Já saiu em Belo Horizonte, MG, o nº 0 do jornal "Mulheres Emergentes", somente com poesias eróticas escritas por mulheres. O jornal tem apoio de Alô Belô, Foto Stampa Estamparia, Wanderley Batista Jornal de Casa. Explica Lúcia Castello Branco no texto "Poesia de líquida matéria", publicado neste nº 0 de "Mulheres Emergentes": "Quando penso em 'Mulheres emergentes' como uma expressão que busca nomear a poesia erótica feminina da contemporaneidade, a primeira coisa que me ocorre é a presença de uma inegável metáfora fálica que ali se expressa. Afinal, 'emergir' significa 'sair', 'elevar-se' e, no contexto em que a expressão se encerra, não há como não ver um falo à vista nesse movimento. Os poemas deste nº 0 de "Mulheres Emergentes" (nov/89) são de Zélia Rogedo, Tânia Diniz, Adélia Prado, Sônia Queiroz, Lais Corrêa de Araújo, Lívia Tucci, Maria Esther Maciel, Adalgisa Botelho de Mendonça, Elza Beatriz de Araújo, Rita Espaschit, Thais Guimarães, Malluh Praxedes, Dora Tavares e Branca de Paula.

Arquivo

OSWALDO FRANÇA JÚNIOR EM CUBA

Os livros do escritor Oswaldo França Júnior, recentemente falecido, "em plena produção e em plena aventura de vida", como bem disse Rubem Braga, continuam sua trajetória internacional, que inclui traduções nos Estados Unidos, União Soviética, França, Alemanha, Tchecoslováquia e outros países. Agora a saga do caminhoneiro Jorge ("Jorge, Um Brasileiro") chega a Cuba, em edição da Casa de Las Américas, com título homônimo da série levada pela tevê, "Carga Pesada". O autor de "Recordações de Amar em Cuba", "As Laranjas Iguais" e "No Fundo das Águas" deixou, além de outras nove obras publicadas, um romance inédito: "De Ouro e de Amazônia". Maiores informações: Jacira França, Rua Barão de Macaúbas, 36/10/, Santo Antonio, Belo Horizonte, MG, CEP 30.350, Tel. 334-3267.

FESTIVAL DE TEATRO

O Centro Cultural Porto de São Mateus, ES, está promovendo de 14 a 21 de janeiro de 1990 0 V Festival Nacional de Teatro de São Mateus — FENATE, no Teatro Anchieta, da cidade. O FENATE premiará com o Troféu Anchieta, de posse definitiva, as seguintes categorias: Melhor Ator, Melhor Atriz, Melhor Direção, Melhor Cenário, Melhor Figurino, Melhor Música, Melhor Ilumina-

ção, Melhor Texto, Melhor Peça (Opinião Pública), Melhor Montagem. Cada grupo interessado só poderá inscrever um texto para cada categoria. Adulto ou infantil. Cada grupo classificado receberá o prêmio de classificação no valor de NCZ$ 1.000,00 (Hum mil cruzados novos), que será entregue no dia da apresentação do grupo no festival. Cada grupo classificado fará duas apresentações. Uma às 18:00 horas, para a comissão julgadora do FENATE, público interno e convidados; e às 21:00 horas para a comunidade. A comissão julgadora do festival será constituída por dez membros, convidados do Centro Cultural Porto de São Mateus, cada membro julgando a sua especificação. Após a apresentação da última peça, será entregue aos vencedores o Troféu Anchieta, por ocasião da solenidade de encerramento, dia 21 de janeiro. O Centro Cultural se responsabilizará pela hospedagem e alimentação do elenco e equipe técnica constante na ficha de inscrição, durante os três dias do festival. O Centro Cultural providenciará, sem ônus para os grupos participantes, refletores disponíveis e sistema de som. Os grupos poderão realizar eventos culturais, tais como: lançamento de livros, exposições em geral, perfomances.

Arquivo

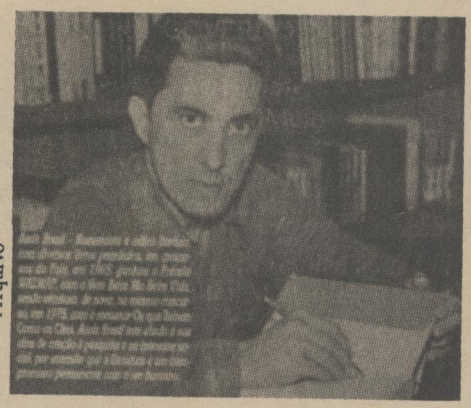
ANTOLOGIAS

A Fundação Européia Viqueira, do Instituto Internacional da Lusofonia (Braga, Portugal) publicou uma coletânea de 13 poetas lusófonos da Galiza (Espanha), Portugal e Brasil de origem galega, que escreveram segundo a norma do acordo ortográfico de 1986 que unificou galego, português e brasileiro. Esta antologia da Fundação Européia Viqueira é um resumo de antologia que o Dr. M. Rocha está preparando para os "Serões de Trancoso".

"Olhar de Poesia" é o título de uma antologia de poemas, reunindo 15 alunos do Curso de Letras da UCSAL. No prefácio, Benedito Veiga explica: "Da predominância do esvanecer lírico à constatação dorida dos acontecimentos sociais, tudo reflete a juventude, que pensa, que pergunta, que procura..." Os que fazem o Clube de Criação Literária acreditam numa NOVA ERA que se inicia, e apelam para a PAZ comprometendo-se a "PARIR" POESIA cada vez mais.

O conhecido escritor e poeta português Sr. A. Garibáldi, está trabalhando numa antologia de literatura brasileira, da América Latina e da Espanha, razão porque levamos ao conhecimento dos nossos escritores interessados que devem dirigir os seus livros devidamente autografados, bem como outros informes literários, àquele escritor luso, no seguinte endereço: A. Garibáldi, 4610, Felgueiras — Portugal.

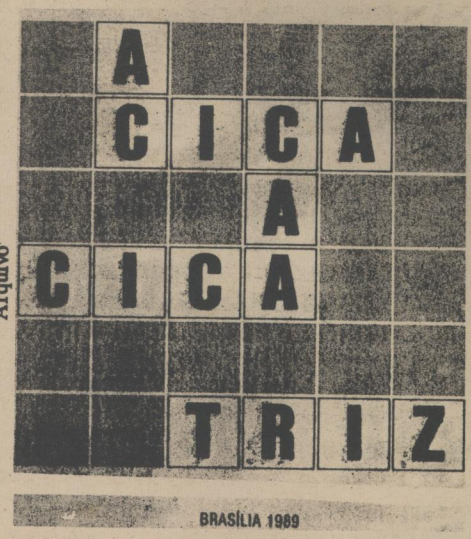
Antonio Bella editou em Stuttgart, na Alemanha, a antologia "Ilultres Desconhecidos da Poesia Brasileira". São 11 poetas, com trabalho onde se pretende "mostrar a diversidade da produção literária chamada alternativa ou independente, até há bem pouco tempo dita marginal". Com a antologia, também se quer homenagear não somente os autores antologizados, mas alguns outros que, embora não constando da coletânea, participaram da "pequena exposição literária", evento, que com a mostra de aquarelas de Paulo Bella, integrou a Segunda Noite Brasileira na Casa Ludwig Raiser, em Stuttgart, nos dias 21 e 22 de outubro de 1989. O jornal "O Galo" participou da "pequena exposição literária", que mostrou jornais, revistas e livros brasileiros.


Arquivo

NASSAU, SANGUE E AMOR NOS TRÓPICOS

O próximo romance do escritor piauiense Assis Brasil é de caráter histórico, situando a vida aventureira e amorosa do conde holandês-alemão Maurício de Nassau. Vida Controvertida, cheia de lances dramáticos e trágicos, num Brasil do século XVII banhado em sangue. É um romance de ação com muitos personagens, a que o autor deu toda a sua vasta experiência de ficcionista e ensaista. "Nassau, Sangue e Amor nos Trópicos" sairá no próximo ano por uma nova casa editorial carioca, a Rio Fundo Editora S/A.

CAMARGO MEYER



Arquivo

LIVROS RECEBIDOS

CRÍTICA E HISTÓRIA: "MPB o Canto e a Canção", de José Maria de Souza Dantas (Ao Livro Técnico S.A., RJ, 1988); "História do Negro Brasileiro", de Clóvis Moura (Editora Ática, SP, 1989, Série Princípios); "Poesia e Leitura: Os percuros do Gozo", de João Batista B. de Brito (Edições Funesc - Fundação Espaço Cultural da Paraíba, 1989).

FICÇÃO: "O Invisível", de Flávio Rezende (edição particular, Natal, 1989); "Redemoinho do Tempo", de Hilda Mendonça (Thesaurus, Brasília, DF, 1987); "Cadernos Negros 12 — Contos", de autoria coletiva, 11 autores (Quilombhoje, SP, 1989).

POESIA: "Licores da Carne", de Ubirajara Galli (Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1988); "Poemas Balzaquianos", de Ubirajara Galli (Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1986); "PalavrAvara", de Lara de Lemos (Philobiblion Livros de Arte Ltda., Coleção Poesia, Sempre 10, 1986); "A Cica A Cica Triz", de Camargo Meyer (sem indicação de editora, Brasília, 1989); "Lento Exílio", de Geraldo Dias da Cruz (Secretaria da Cultura de Goiás, Goiânia, 1989); "Dizer", de Julio Cesar Prado Leite (Editora Paz e Terra S/A, RJ, 1987); "Tapa na Cara", de Knorr (Edições D'Lira, Coleção vale o escrito, Juiz de Fora, MG, 1989); "O Encantador de Estrelas", de Márcio Catunda (Livraria Editora Cátedra, RJ, 1989); "Oferenda prá um soldado", de José Carlos Pereira Neto (Contemp Editora Ltda., Salvador, Ba, 1985); "Poemas de Paris e Outros Poemas", de J. L. Fontenla Rodrigues (Integrando a coleção Cadernos do Povo/Poesia, Cadernos do Povo, Revista Internacional da Lusofonia, Braga, Portugal, 1985); "Linhas", de Sergio Wax (Roswitha Kempf Editores, SP); "Eu Mulher Copo e Alma", de Nazareth Sant'Anna (João Scortecci Editora, SP, 1989); "Gravidessência", de Gláucia Guerra de Oliveira (Editora Nova Primavera, Cruz das Almas, Ba, 1987).

Mário Ivo Cavalcanti

MODUS VIVENDI

Depois de um ano parado devido às viagens de alguns dos seus integrantes, o grupo de rock potiguar "Modus Vivendi" volta à ativa com uma nova formação: Carito (vocal), Edu Gomez e Carlinhos Suassuna (guitarras), Ilo Tonel (baixo), Ricardo Tadeu (teclados) e Sílvio (bateria). O grupo continua fazendo seu "hard rock urbano" levemente temperado de funks e/ou de longínquas referências progressivas/psicodélicas.Para esse verão, o "Modus Vivendi" pretende fazer uma série de shows juntamente com a banda "Cabeças Errantes", unidos pelas características informáticas que têm em comum. A "dobradinha" promete muita energia e rock'n' roll nas áreas. Para comprovar que não é somente Slayer (internacional) e Dorsal Atlântica (nacional) que estão dando o pique de renovação no rock. Aqui em Natal também tem gente com idéias renovadoras. É só aguardar e, breve, pintará nas antologias do melhor rock internacional o som quente e criativo do "Modus Vivendi", desta rapaziada com algo na cabeça e não minhocas.

CONCURSOS

Com o pseudônimo Cor d'Ovil, Francisco Gaspar de Menezes foi o ganhador do 1° lugar do Concurso Literário "Canção da Ribeirinha", promovido em novembro pela Universidade Federal da Paraíba (Centro de Humanidades, Núcleo de Estudos Linguístico e Literários, em Campina Grande), para homenagear o texto mais antigo do idioma, que em 1989 completou oito séculos desde que foi redigido.

Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais está realizando o maior concurso literário do país (em termos de abrangência de vários prêmios simultâneos), o Grande Prêmio Minas de Cultura.

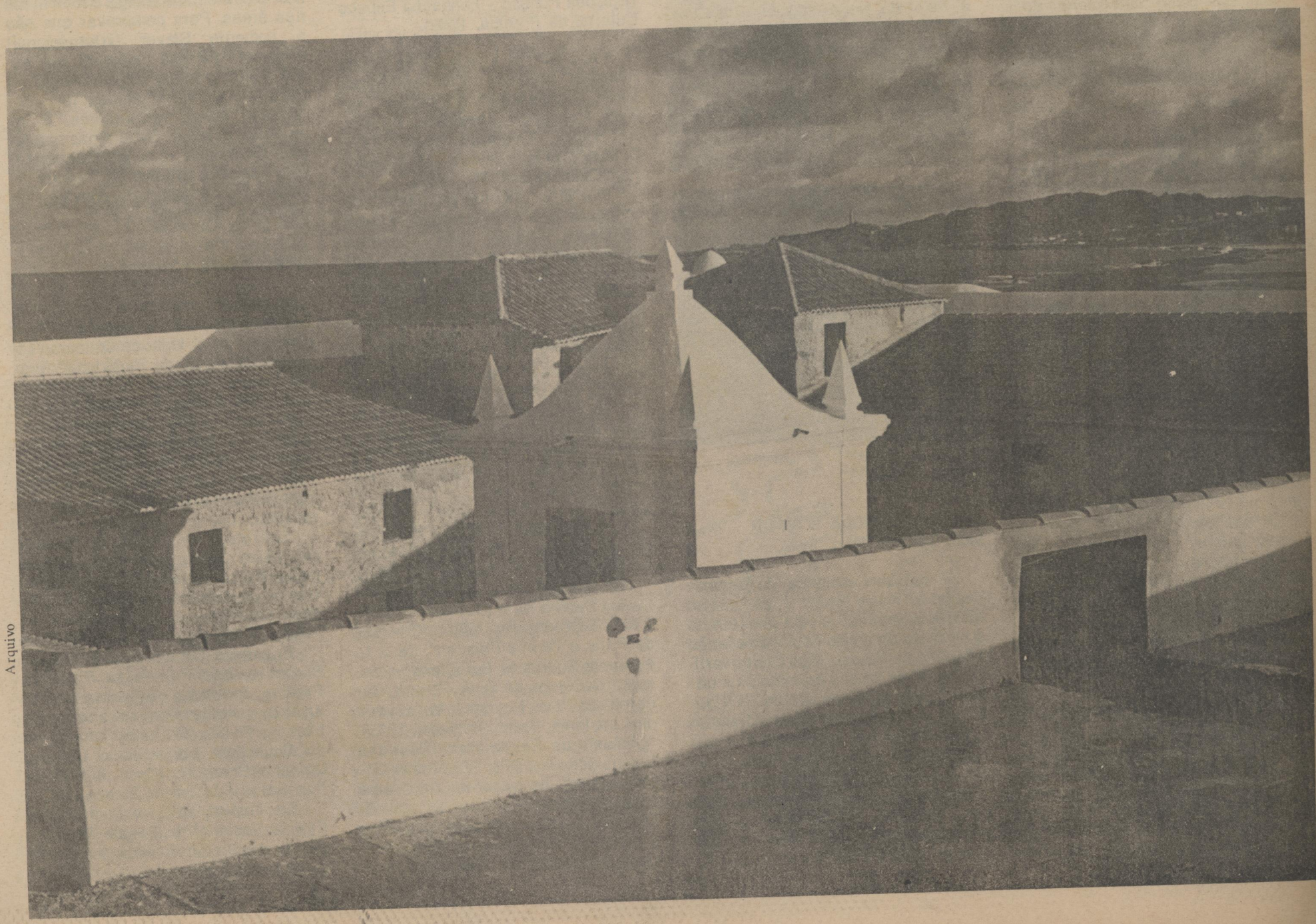
Francisco Sebastião das Chagas Borges e João Pereira da Silva, da Paraíba, foram os ganhadores do 1° lugar do concurso Cem Anos de República na Poesia de Cordel, promoção da Sociedade Educativa e Cultural Umberto Peregrino (Casa de Cultura São Saruê), de Santa Tereza, RJ.

Em Itapira, SP, foi instituído o Prêmio Nacional de Poesia "Menotti Del Picchia", que premiará livro inédito de poesia.

Noite de Natal (Paródia)

Eu nasci num vasto porto da América
Onde o Sol vem banhar-se toda manhã,
Seus grandes pilares concretos e majestosos
Devolvem igualmente a tarde às basálticas cavernas.
Ondas ondulando imagens de pedras,
Revestem de aparência solene e mística
Os mais sutis acordes: divina música,
Ao colorido do ocaso refletido por meus olhos.
No pórtico auroral do Oriente,
Estarei eu Sol espraiando-me no universo inteiro.
É lá, na solidão profunda da vida anterior,
É exatamente lá, que vencerei o império da paixão,
Entre o azul das ondas e esplendores de escravos nus,
Todos embalsamados de odores,
Que o mar joga na fronte com sargaços,
E cuja preocupação é aprofundar
O segredo doloroso que faz sofrer.
.....
Nas margens virgens da América,
Contempla-me o Astro régio:
Ele sabe quem abarcou os astros,
E cruzou os mares!

Francisco Ivan



Arquivo